



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

---

GEANE LOPES FRANCISCO ARAÚJO

**A ORTOGRAFIA NA AGENDA DE MOURA ANDRADE (1939):  
UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO**

---

Campo Grande/MS

2014

GEANE LOPES FRANCISCO ARAÚJO

**A ORTOGRAFIA NA AGENDA DE MOURA ANDRADE (1939):  
UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Unidade de Campo Grande/MS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Linguística: Produção oral e escrita, sob a orientação do Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida.

Campo Grande/MS  
2014

**GEANE LOPES FRANCISCO ARAÚJO**

**A ORTOGRAFIA NA AGENDA DE MOURA ANDRADE (1939):**

**UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Historiografia.  
Linguística. Ortografia.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Titular: Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

---

Titular: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

---

Titular: Prof. Dr. José Pereira da Silva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Suplente: Profa. Dra. Adriana Lúcia de  
Escobar Chaves de Barros  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Campo Grande/MS

2014

A689oAraújo, Geane Lopes Francisco

A ortografia na agenda de Moura Andrade (1939): um estudo historiográfico / Geane Lopes Francisco Araújo. Campo Grande: UEMS, 2014.

141p. ; 30cm

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida

*Aos meus pais, Amado Francisco e Isaura  
Lopes Francisco; meus irmãos Lucas e  
Márcia; as minhas queridas filhas Giovanna e  
Gabrieli; ao meu esposo, Ageu Araújo, pela  
compreensão e ao meu estimado avô materno,  
Martinho Lopes (in memoriam), pela  
admiração ao mundo das letras.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças, saúde e me proporcionado condições de realizar mais uma grande conquista em minha vida.

Aos professores, verdadeiros mestres, em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Miguél Eugenio Almeida e a todos que compõem a Banca Examinadora.

Aos amigos pelo pensamento positivo e pelo companheirismo na jornada percorrida de Nova Andradina a Campo Grande.

Ao meu esposo, que a cada semana, a cada dia de aula colaborava fazendo o possível para cuidar de nossas filhas.

Aos meus pais, que sempre me abençoavam com as bênçãos de Deus.

As minhas filhas, que sempre me recebiam com enorme alegria e felicidade.

Meus agradecimentos finais ao Sr. Antonio Carlos C.Moura Andrade e AntonioFernando Andrade Prado, bisnetos do fundador de Nova Andradina (MS), que muito contribuíram para a concretização dessa pesquisa.

ARAÚJO, Geane L. F. *A ortografia na agenda de Moura Andrade (1939): um estudo historiográfico*. Dissertação (Mestrado em Letras, Linguística: Área de concentração em Produção oral e escrita) -Unidade Universitária de Campo Grande, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Campo Grande-MS, 2014.

## RESUMO

O presente estudo historiográfico visa compreender a língua em um contexto histórico-social objetivando a análise ortográfica dos manuscritos de Moura Andrade no período de 1939. Para tal procedimento metodológico utilizaremos o clima de opinião “princípio da contextualização” formado pelos documentos da época e também do processo histórico contrastivo (princípio da imanência e adequação) da ortografia, em busca de compreender a língua num espaço histórico-cultural, verificando a aproximação e/ou distanciamento com a língua no momento mais atual. Como trabalho científico, tem-se a pretensão de resgatar a história utilizando os registros do fundador de Nova Andradina (MS), a fim de mostrar que a língua carrega consigo traços pessoais, históricos e linguísticos próprios de um determinado período. Para tanto, baseia-se nos princípios estabelecidos por Konrad Koerner, no âmbito da Historiografia Linguística. Assim, utilizar-se-á informações pertinentes a outras áreas que constituem a história da cidade e de seu fundador, assegurando autenticidade científica a essa investigação. A história, enquanto ciência, segundo as concepções de Bosi (1998) deixa de ser encarada como mero relato de acontecimentos e estabelece-se como uma procura das ações realizadas pelo homem, instituindo-se como seu objeto as ações humanas. Deste modo, os princípios historiográficos se complementam por meio de Eduardo C. Pereira, Celso Cunha e Coutinho, sendo que a imanência apoia-nos na descrição das ocorrências, a adequação na análise e reflexões sobre a construção dessa escrita. Dentre as linhas de pesquisa da linguística, a historiografia tem sido responsável por resgatar os estados da língua portuguesa, que neste caso, apontará de acordo com as gramáticas, como era a escrita na primeira metade do século XX. Em virtude disso, essa pesquisa certamente contribuirá para com o ensino da disciplina e da língua enquanto idioma.

**Palavras-chave:** Historiografia. Linguística. Ortografia.

ARAÚJO, Geane L. F. *The orthography in the agenda of Moura Andrade (1939): a historiographical study*. Thesis (Master's Degree in Linguistics) – (Master of Arts, a major in Language: Language and Literature) Dissertação (Mestrado em Letras, Linguística: Área de concentração em verbal Production and writing) - Unit of Campo Grande, State University of MatoGrosso of the South - UEMS, Campo Grande-MS, 2014.

## ABSTRACT

This present study thesis aims to analyze the spelling of Moura Andrade manuscripts during 1939. For this methodological procedure we will use the opinion climate formed by the documents of the time and also the evolutionary historical process of spelling, seeking to understand the language and history through a historiographical study. As scientific work, there is the intent of rescuing the history using the records of its principal citizen, in order to show that the language carries own personal, historical and linguistic characteristics by a given period. Then it is based on the principles Contextualization, Immanence and appropriateness established by Konrad Koerner from the Linguistics Historiography and it will get information that will be relevant to other areas that constitute the city's history and its founder and shall ensure scientific authenticity to this research. History as a science, according to the Bosiconcepts (1998), is no longer seen as mere summary of events and establish yourself as a demand of the actions performed by humans, establishing itself as its object human actions. Thus, the principles are complemented by Eduardo C. Pereira, Celso Cunha and Coutinho that support us in the description of the occurrences by the principle of Immanence. Among the research linguistics areas, we limit the analysis of the "*corpus*" in the spelling occurrences conferred in Moura Andrade agenda whose study will point the distance or closer to the grammars used in the nineteenth and twentieth century, as they certainly contributed towards this writing, as part of the language constitution and language teaching while.

**Keywords:** Historiography. Linguistics. Spelling.



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Uso das Consoantes Geminadas .....	55
Gráfico 02 - Uso dos Encontros Consonantais.....	57
Gráfico 03 – Indicadores de Nasalação .....	60
Gráfico 04 – O uso do Y e do H.....	62

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 - HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA E HISTORIOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	15
1.1 Pressupostos que entrelaçam a história e a língua.....	15
1.2 Epistemologia da historiografia linguística .....	22
1.3 A historiografia linguística no Brasil .....	27
<b>2 - FUNDAÇÃO DE NOVA ANDRADINA (MS)</b> .....	31
2.1 História de Nova Andradina-MS .....	31
2.2 Antônio Joaquim de Moura Andrade .....	32
<b>3 - A ORTOGRAFIA NA LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	36
3.1 A Ortografia na Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira.....	36
3.2 A Ortografia na Gramática histórica de Coutinho.....	44
3.3 A Ortografia por Celso Ferreira da Cunha: Gramática de Base .....	50
<b>4 - ANÁLISEGRAMÁTICAL DESCRITIVA DAS OCORRÊNCIAS ORTOGRÁFICAS CONSTADAS NA AGENDA PESSOAL DE MOURA ANDRADE</b> .....	53
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	67
<b>ANEXOS</b> .....	69
1 -Antônio Joaquim de Moura Andrade (1939) .....	69
2 - Agenda Pessoal de Antônio Joaquim de Moura Andrade.....	70

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma abordagem historiográfica da linguística. Utiliza-se como fonte *corpus*, a ortografia presente na agenda de Moura Andrade, no ano de 1939, e com aplicação verificada nas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira (1941), Ismael de Lima Coutinho (1972) e Celso Ferreira da Cunha. Nessa abordagem, buscamos estabelecer a relação entre língua, cultura e história, realizando um estudo interdisciplinar envolvendo esses três aspectos, na primeira metade do séculoXX.

Essa linha de pesquisa no âmbito da linguística tem se destacado nas universidades do Brasil, pois muitos estudiosos como Altman, Nascimento, Bastos & Cintra têm se dedicado à compreensão e periodização da língua, visto que ela está em constantes mudanças. Estudar cada estado dessa expressão do pensamento e do tempo na qual está inserida, é fundamental para entendermos a construção e a evolução da língua e do próprio ser humano enquanto falante da mesma.

A historiografia linguística para Nascimento (2005, p.15), parte do princípio de que a língua, enquanto produto histórico-social, torna-se simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais. Se o fator “língua” é preponderante para o homem como ser histórico-social, a forma como ele se expressa por meio da escrita tem igual importância.

Expressar-se linguisticamente, em um contexto cada vez mais tecnológico e ainda conservar a originalidade da língua é um grande desafio. Sendo assim, para resgatar a sua história, destacamos a ortografia, cuja função é orientar o escritor por meio de regras e normas que regem tal modalidade linguística.

Variação e a mudança indicam que a língua não desempenha um papel estático. Dessa forma, a ortografia, como segmento linguístico representa determinado período, sendo que, ao encontrarmos uma escrita diferente da que usamos no momento atual, concluímos que essa forma se enquadra em regras ortográficas pertinentes à época em que se deu essa escrita.

Desta forma, especificamente, pretende-se entender esse estado da língua, essa grafia utilizada por Moura Andrade, fundador de Nova Andradina (MS), e quais as regras ortográficas que imperavam no referido tempo, e como objetivo geral, analisar as regras ortográficas concernentes ao ano de 1941, 1972 e 1982, estabelecendo uma análise comparativa entre estes períodos.

Por utilizarmos a historiografia, buscamos contextualizar essa personalidade, enquanto fundador de Nova Andradina (MS) e autor dos manuscritos da agenda, dentro dessa área, como *corpus* da pesquisa, passa a ser considerada um documento histórico.

A escolha dessa obra, se deve, primordialmente, ao interesse em estudar algo que representasse a história de Nova Andradina (MS). Sendo assim, como pesquisadora da área de Letras, por ser o mais antigo, esse documento, simboliza a tradição e a origem histórica, mediadas pela língua.

Os princípios de Konrad Koerner (1996, p.60) norteiam o desenvolvimento desse estudo, direcionando a metodologia a ser operacionalizada. Trata-se do princípio de:

a) contextualização: consiste no estabelecimento do “clima de opinião” formado entre o momento histórico, visto que as ideias linguísticas não se desenvolvem aleatoriamente, de forma independente. Sendo assim, a situação sócio-econômica e política devem ser consideradas nesta etapa, pois constituem o espírito da época. E essas influências, certamente, deixam suas marcas na construção linguística.

b) imanência: consiste no levantamento de informações no que diz respeito às teorias linguísticas que circulavam na época. Nesta fase, busca-se um entendimento completo do texto, desde a parte histórica e crítica, visando à compreensão do documento. Essa investigação requer grande esforço do pesquisador, visto que, sua função é apontar as características do período em estudo, sem interferências contemporâneas.

c) adequação: consiste na aproximação do passado com o presente. Depois da execução dos dois princípios anteriores, nesta etapa, o pesquisador pode realizar uma aproximação entre os períodos estudados, a fim de que o homem moderno possa compreendê-los. Nascimento (2011, p. 07) menciona os cuidados que se deve ter nesta etapa final da pesquisa:

Este princípio requer que o pesquisador, a priori, tenha compreensão do passado, presente no documento e, posteriormente, interprete-o, à luz de tendências modernas, os dados registrados nele. Processa-se por este princípio uma atividade hermenêutica, cujo objetivo é realçar os fatos do passado, mediados pelas preocupações do presente, para torná-los, na atualidade, socialmente úteis e necessários ao homem (NASCIMENTO, 2011, p.07).

Por meio desses princípios é possível compreender os elementos linguísticos e contextualizá-los, realizando assim, uma análise sob a dimensão interna e externa da língua. Como afirma K. Koerner (1995) *apud* Nascimento (2005) “a pesquisa historiográfica se constitui como uma construção, arquitetada por um controle de operação sucessiva

estabelecido pela aplicação dos princípios da contextualização, da imanência e da adequação teórica”.

Tendo em vista os procedimentos metodológicos apresentados, o pesquisador desta área, o historiógrafo da Linguística, na concepção de Batista (2013, p.48) precisa ser antes de tudo, um linguista, porque somente com essa habilidade poderá realizar críticas e análises relativas à linguagem. Porém, o seu conhecimento teórico e prático, específico da área, deve ser complementado com conhecimentos situados na corrente histórica.

A função do historiógrafo da língua é buscar explicações para as mudanças e continuidades que se observam na língua. Para isso, faz-se necessário considerar a língua não como um sistema fechado em si mesmo, mas como uma *práxis*, determinada por fatores sócio-histórico-culturais característicos do espaço em que o homem vive. E nesse sentido, a língua é mais do que uma simples expressão do pensamento ou uma mera atividade comunicativa. (Nascimento, 2005, p.16)

Com base nos princípios adotados nessa pesquisa, faremos a contextualização apresentando um histórico conciso de Nova Andradina (MS), cujo nome foi dado em homenagem à cidade de Andradina (SP), e também um resumo biográfico de Antônio Joaquim de Moura Andrade.

Dessa forma, complementamos essa fase, com a escolha do documento “agenda”, e com a verificação das ocorrências ortográficas (imanência), ressaltando que as transcrições serão feitas tais quais estão nos manuscritos. Após essa averiguação será feita uma análise teórico-descritivas (adequação) com base nas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira (1941), Ismael de Lima Coutinho (1972) e Celso Ferreira da Cunha (1982).

O documento escolhido como corpus principal é classificado como fonte primária, os demais, utilizados como fonte teórica, são classificados como fonte secundária.

Este trabalho se organiza em cinco capítulos. No primeiro tratará da contextualização linguística e histórica da disciplina, abordando os pressupostos que entrelaçam a História e a Língua, a base epistemológica da Historiografia Linguística e seu histórico no Brasil. No segundo, continuará tal processo mediante os apontamentos sobre a história de Nova Andradina (MS) e de seu fundador.

No terceiro, consolidará a imanência por meio do apontamento teórico acerca da ortografia em seu processo histórico, composto cronologicamente pelas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira (1941), Ismael de Lima Coutinho (1972) e Celso Ferreira da Cunha

(1982), visando uma compreensão da ortografia e de seus períodos, principalmente o pseudo-etimológico, que mais interessa a esse estudo.

No quarto capítulo, será apresentado amostragens de cada ocorrência ortográfica constatada na agenda. Em virtude disso, apontamos de forma ilustrativa (gráficos) a totalidade das mesmas, seguida de análise teórica-descritiva. Trata-se da imanência e adequação, princípios que entremeiam as ocorrências e as teorias, possibilitando-nos apontar elementos que distanciam ou aproximam o passado do presente.

# 1- HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA E HISTORIOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

## 1.1 Pressupostos que entrelaçam a história e a língua

Entende-se por língua uma forma de expressão da consciência (Cunha, 1982, p.10)cuja representação indica características individuais ou coletivas. Esse mecanismo linguístico compostopor sons, códigos e letrasatribui ao homem notável peculiaridade, visto que pode utilizar de estratégias como a organização do pensamento lógico, elaboração da fala e da escrita, fatores esses que o difere das outras espécies.

Esse “sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos”, como é designada por Cunha(1982, p.10), passa a ser algo real e concreto mediante a ação do falante, seja de forma oral, escrita ou até mesmo por sinais. Tudo isso se concretiza por meio do usuário da língua. Fora disso é completamente abstrato.

Como sabemos,tudo sofre alterações, mudanças, no decorrer dos anos, e a língua não é um caso à parte, pois sendo algo tão real e por estar em constantes transformações, é considerada viva. Essas variações linguísticas ocorrem devido às influências culturais, sociais e econômicas que se entrelaçam à história e se registram por meio da forma escrita.

Conhecer os fenômenos que influenciam a língua, identificar e analisar as mudanças que ocorrem à medida que o tempo passa é a base dos estudos da linguística histórica.

Vale ressaltar que não é qualquer transformação ou diferença que caracteriza uma mudança linguística, pois muitas vezes são apenas características da fala que retratam regionalismos, dialetos próprios de um determinado lugar. Assim, não é um exemplo de mudança, mas de variação que emergem da heterogeneidade da língua, conforme orienta Faraco (2005, p.23), “que nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação”.

No entanto, é importante esclarecer que uma variação pode se tornar uma mudança e a regularidade é o fator determinante neste processo, pois é por meio dele que a mudançase efetiva. Neste aspecto, a elucidação de Faraco complementa:

Outro aspecto que caracteriza a mudança linguística é a sua regularidade. Isso quer dizer que, dadas às mesmas condições (isto é, no mesmo contexto linguístico, no mesmo período de tempo e na mesma língua ou variedade de uma língua), um elemento -- quando em processo de mudança -- é progressiva e normalmente, alcançado em todas as suas ocorrências. Em outras palavras, observa-se que as mudanças linguísticas não são fortuitas, nem se dão a esmo, sem rumo. Desencadeada a mudança, há regularidade e generalidade no processo, atingindo de forma bastante sistemática o mesmo elemento, dadas as mesmas condições, em todas as suas ocorrências (FARACO, 2005, p.50).

A língua apresenta variações até tornar-se regular, e para que haja uma comprovação desses fenômenos é necessária uma descrição e explicação de como ocorreu essa mudança. Entretanto, essa comprovação não deve ser considerada estável, pois conforme Faraco (2005, p.51) relata, “embora a regularidade seja uma característica da mudança linguística, ela nunca deve ser entendida como absoluta”.

Nesse contexto, para pesquisar a língua dentro dos parâmetros da historiografia linguística, é imprescindível que o pesquisador faça uma busca sobre determinada época, na qual, estudará a dimensão interna da língua, em sua própria estrutura, para fundamentar como se desenvolveu a ocorrência linguística e os elementos gramaticais.

A dimensão externa é a parte em que se analisa o contexto social, histórico e político que influenciaram o falante em determinado período, pois a fala ou a escrita utilizada, principalmente esta última, que é responsável pelo registro, não apresenta neutralidade, pelo contrário, expõe elementos extra-linguísticos que também formam esse documento histórico. Apoiamo-nos para tal nas considerações de Batista:

Ao enfoque externalista interessa o aspecto social como parte do processo histórico de formação e desenvolvimento de uma ciência ou área de saber e de suas práticas discursivas, revelando posicionamentos ideológicos, sociais e históricos, em torno do estabelecimento de retóricas (formas e tipos de discurso adotados) típicas de comunidades de pesquisadores e intelectuais (BATISTA, 2013, p.57).

A língua não é apenas um instrumento de comunicação. Segundo Nascimento (2005), ela não é simplesmente um fato social entre outros, pelo contrário, é o próprio fundamento de tudo o que é social e se abre a um encadeamento de múltiplos fatores que se interagem. Assim, os fatores externos devem fazer parte da pesquisa, visto que influenciam o pensamento linguístico.

Realizar um estudo da dimensão interna é analisar a língua estruturalmente, identificando determinadas mudanças, como as fonológicas, fonéticas, semânticas, pragmáticas, sintáticas e lexicais. Todos esses aspectos gramaticais compõem o idioma e contribuem para com a expressão linguística, visto que constituem a própria língua.



Dessa forma, a contextualização é primordial nesse tipo de pesquisa, pois é por meio do resgate de documentos que será possível uma ampla compreensão da escrita e do seu processo de concretização. Trata-se de um dos princípios norteadores de Konrad Koerner, sendo que nos apoiamos ainda na imanência e adequação.

Quando se trata da escrita, cada detalhe deve ser observado, pois esta modalidade pode retratar o grau de instrução ou escolaridade, assim como o uso da forma culta ou coloquial da língua, entre outros aspectos.

A língua, ora é marcada pela regularidade, ora pela evolução, e nesse processo contínuo, não é tão fácil identificar as suas transformações. Os falantes não as percebem. Isto se deve ao fato de que as mudanças não surgem repentinamente. Pelo contrário, elas vão ocorrendo gradativamente, até que se sobrepõem às variações, atingem uma parte para depois atingirem o todo.

É o que se verifica nesta afirmação acerca das características da mudança e sobre o estado “variável ou invariável” da língua:

[...] cada estado de língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico; do mesmo modo que, em cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes (FARACO, 2005, p.45).

A princípio, essas mudanças ocorrem na fala, depois se efetivam na escrita, e os falantes mais jovens são determinantes nesse processo, o que se torna mais uma barreira à autenticidade da língua, visto que a juventude é vista como impulsiva -- um fator que caracteriza grande resistência. Esse processo linguístico em constante movimento é abordado por Almeida (2005, p. 16):

A língua é o elemento primordial da consciência do falante. É pela língua que o falante se insere na comunidade em que vive. À medida que o falante toma consciência de sua ação através do conhecimento histórico, ele, naturalmente, toma conhecimento da sua própria duração. O falante do presente é a projeção do falante do passado e o do futuro é a projeção do presente. Ou ainda, é pelo processo da duração que o homem evolui através da criação do novo, a partir de elementos pretéritos.

Saussure é considerado o fundador da linguística por defender, em seu *Curso de Linguística Geral*, que a língua deve ser estudada apenas em sua estrutura, pontuando que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, porém, estabeleceu dois vieses de estudos: a sincronia e a diacronia.

Acerca das mudanças, ele ressalta que, no decorrer do tempo, por seu turno, elas nunca afetam esse sistema globalmente, pois não há uma mudança radical de x para y num sistema, mas alterações de valor de elementos de um sistema, gerando pequenos e sucessivos rearranjos.

A diacronia, também chamada de histórica, tem como objeto as mudanças por que passa a língua no tempo, enquanto que a sincronia, chamada de estática, pesquisa as características da língua apresentadas num determinado tempo.

Faraco aponta que essas linhas abordam a língua sob parâmetros diferentes. No entanto, Saussure não negava a interdependência entre sincronia e diacronia:

Saussure considerava que a divisão dos estudos linguísticos em dois tipos se impunha de forma imperiosa por ser possível focar a língua (abstraído seu permanente movimento no tempo) como um complexo sistema de valores puros, isto é, um sistema em que os termos não se definem por si, isoladamente, mas por relações de dependência recíproca (FARACO,2005, p.95).

Enfatiza ainda que todo fato sincrônico tem uma história e que, num estudo diacrônico, é fundamental trabalhar com as fases da transformação, comparando os diferentes estados sincrônicos envolvidos, mas ressalva que existe uma grande diferença metodológica entre os dois pontos de vista, e que não devemos estudar os fenômenos separadamente, mas contextualizá-los no encaixamento estrutural e social.

[...] não devemos estudar os fenômenos isoladamente: é preciso sempre abordá-los no conjunto de outros fatos da história da língua, e até mesmo da subfamília ou da família a que ela pertence, evitamos uma abordagem fragmentada dos fatos[...] (FARACO, 2005, p. 58).

Ainda nesse aspecto há três vias básicas para realização de uma pesquisa linguística, voltar no passado e nele se concentrar, voltar ao passado para iluminar o presente ou estudar o presente para iluminar o passado.

Essas diretrizes partem de pontos distintos e se assemelham no processo comparativo, um método utilizado para estabelecer um parentesco entre as línguas e reconstrução do passado. É o princípio para a comprovação das suposições e também dos fatos.

Sendo assim, pode-se fazer um estudo estático ou abrangente da língua. Entretanto, é imprescindível que o pesquisador reconheça dois fatores primordiais que a tornam autêntica: a heterogeneidade e a instabilidade, pois em se tratando de linguagem e língua, nada é estático e permanente.

Como se nota, há várias correntes sobre esse estudo, o que o faz ainda mais significativo, visto que uma teoria contribui para a outra, tornando a linguística e a história áreas essenciais na compreensão, não apenas da língua, mas da existência humana.

As dimensões que cada uma dessas áreas alcança diferem entre si. Entretanto, não são coextensivas, pois os fatores internos e externos estão intimamente relacionados e, de acordo com Batista (2013, p.63) “ainda que se possa privilegiar uma visão ou outra em determinado recorte de trabalho, subentende-se que uma visão pode implicar a outra”. Altman argumenta estabelecendo uma comparação:

História e historiografia da linguística têm, pois, estatutos e dimensões diferentes. Assim como o linguista não esgota (e nem pretende esgotar) a língua sob descrição em toda sua complexidade, o historiógrafo também efetua um recorte sobre o continuum histórico, cujos fatos procura compreender e reconstruir (ALTMAN, 2012, p.27).

Um estudo fidedigno da língua deve realizar uma busca não apenas na língua, mas nas línguas interligadas, para comprovação dos fatos. No caso da língua portuguesa, é primordial que isso se inicie do latim, pois, apesar de muitos acharem que já é uma língua morta, é necessária uma sondagem, um acompanhamento dessas transformações, pois o latim é a base, não só para a língua portuguesa, mas para muitas outras línguas.

O ser humano desde a sua origem utiliza de imagens, de registros como a escrita para preservar seus conhecimentos; e isso fica sob a responsabilidade da língua, um mecanismo comunicativo, uma ponte mediadora, conforme aponta Almeida (2005, p. 16):

A concepção de língua como produto histórico-social, implica, antes de tudo, a dimensão do homem como ser de linguagem e como ser social ocupando a sua posição no universo, no contexto da Antropologia Filosófica; o homem como ser histórico, determinado no tempo e no espaço. O homem se revela e revela a realidade do universo perante a linguagem.

A trajetória de sua espécie e de sua comunidade faz a história. Por isso, não podemos estudar a língua sem estudá-la, pois ambas estabelecem uma relação mútua de completude, enriquecendo cada vez mais os estudos linguísticos, filológicos e históricos correspondentes a cada época e realidade.

A língua e suas mudanças estruturais podem ser estudadas como parte da história. Isso ocorre também com a história: estuda-se o passado como um processo, uma busca para se entender o presente, garantindo assim a todas as gerações o direito ao conhecimento de épocas, dos acontecimentos passados e atuais, até para que o ser humano

consiga se descobrir como um “eu” que integra esse processo, essa história. Essa interdisciplinaridade é argumentada nas concepções de (2005, p.16):

A interdisciplinaridade está no diálogo reflexivo entre as ciências correlacionadas. E é neste propósito que a HL busca a reconstituição do passado fixado em documentos escritos através da descrição e explicação dos elementos da duração do *devenir* da língua. Enfim, pela HL, buscamos analisar os fatos históricos da língua da forma mais completa possível; onde são necessárias pontes de relação com as ciências sociais, em especial, a fim de apropriação da HL para com todos os elementos das ciências a ela pertinentes, como instrumentos para a referida análise. Desta forma, a interdisciplinaridade, como paradigma de pesquisa científica, vem em auxílio à HL, para elucidá-la, de maneira mais abrangente possível, os fatos da língua em sua evolução histórica (ALMEIDA, 2005, p. 16).

Estabelecendo um paralelo entre a história e a língua, nota-se que a primeira se constrói através dos acontecimentos e os estudos das línguas utilizam a história como reconstrução do passado. Estuda-se o passado como forma de entender o presente e se estuda o presente para esclarecer o passado e refletir sobre elementos que estão diretamente ligados à historiografia. Batista nos faz compreender e sentir como parte desse processo histórico.

[...] devemos guardar a reflexão de que olhar para a História (seja em relação ao passado, seja em relação ao presente) nos permite entender os eventos, no quais estamos inevitavelmente inseridos, como parte de um processo histórico, que coloca em constante diálogo os tempos do passado, do presente e também do futuro, em uma construção de memórias, projeções e identidades (BATISTA, 2013, p.38).

Ao utilizar a grafia história, Batista se refere ao processo histórico, aos elementos que compõem o passado e constituem história, que difere de historiografia, visto que este último é utilizado pelo autor para mencionar o registro analítico dessa história, ou seja, a narrativa. Diante da notável similaridade, o pesquisador esclarece:

No entanto, a própria ordem da escrita poderá fazer com que a palavra história possa se referir de fato ao registro historiográfico, explicitando assim a apontada polissemia. Ainda é importante apontar que a Filosofia da História discute com certa extensão essa polissemia, colocando-a numa fórmula que parece ser conclusiva: “o significado originário do termo ‘história’ é descrição, relato, narração de acontecimentos”. Sendo assim, levando em conta esse sentido original, perder-se-ia a necessidade de uma distinção incisiva entre história e historiografia (*Idem, ibidem, p.37*).

Nesse ponto, é importantíssimo esclarecer a diferença entre linguística histórica e história da linguística. Faraco (2005, p.13), conceitua a primeira como disciplina responsável por “estudar as mudanças que ocorrem nas línguas humanas à medida que o tempo passa” e a segunda por “estudar a história de uma ciência, recuperando suas origens e seu desenvolvimento no tempo”.

Os estudos linguísticos conforme pontua Batista, surgiram vinculados à compreensão da história, para posteriormente se realizar uma análise com cunho objetivamente científico:

[...] a linguística só se estabeleceu em sua forma atual há algumas décadas. Mas as pessoas vêm estudando a linguagem desde a invenção da escrita e, sem dúvida, muito antes disso também. Como em tantos outros campos, o uso e, em seguida, o estudo da língua com finalidades práticas precedeu o processo de reflexão da análise científica. Na Índia antiga, por exemplo, a necessidade de manter viva a pronúncia correta dos textos religiosos ancestrais levou à investigação da fonética articulatória. [...] A formação retórica em Roma, a preservação dos textos religiosos no judaísmo, a difusão das novas religiões proselitistas como o cristianismo e o islamismo[...] são todos contextos em que a língua, a princípio uma ferramenta, se tornou um objeto de estudo. Para obter um quadro abrangente de como a língua (linguagem) foi estudada no passado, todas essas diversas tradições -- várias outras -- devem ser levadas em conta, por mais diferentes que sejam das atuais noções do que se entende por “linguística” (WEEDWOOD,2002, p.17-18 *apud* BATISTA, 2013, p.40).

Não se pode negar que há diferenças relacionadas ao conceito de língua e de história. Fica claro, porém, que ambos desempenham um papel social e apresentam uma relação de completude, ora desempenhando a sua função de instrumento comunicativo, ora sofrendo influências do outro.

Bastos e Palma refletem acerca dessas áreas esclarecendo que a História e a Historiografia estão estreitamente veiculadas e que ambas passaram por um processo de adaptação aos paradigmas dos estudos históricos.

A História resumia-se à narrativa oral dos acontecimentos, a Historiografia tinha como papel fundamental o registro escrito desses acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los. Nesse caso, é importante levarmos em conta as várias rupturas pelas quais a História, na qualidade de ciência passou. A primeira delas ocorreu quando essa ciência deixou de ser encarada como um relato de acontecimentos, estabelecendo-se como uma procura das ações realizadas pelo homem, instituindo como seu objeto as ações humanas (BASTOS& PALMA, 2004, p.15).

A história se construirá com o passar dos anos e a língua registrará esses momentos, enfim, não há história sem a língua e nem a língua sem a história, pois estão correlacionadas, visto que, até a língua tem sua história, sua trajetória e seu contexto. Sendo assim, com base em Batista (2013, p. 101), “a Historiografia da Linguística ainda está por definir sua posição em meio à Linguística e à História, e é necessário que um estatuto surja do cruzamento dessas duas disciplinas” para consolidar a independência de ambas.

Essa parceria é fundamental na construção da existência humana, e como já abordarmos, esse processo felizmente é contínuo, garantindo, assim, às gerações atuais e futuras que usufruam desses conhecimentos, conheçam a história de sua espécie, de seu povo e de sua língua.

## 1.2 Epistemologia da Historiografia Linguística

Historiografia linguística se constitui como parte da ciência no campo da Linguística e integra as diversas áreas do conhecimento que consideram a língua relacionada à história (sociologia, antropologia, psicologia) e à sociedade.

A compreensão desse estudo historiográfico linguístico e a acepção do referido termo, é construída por Bastos e Palma a partir da concepção de Koerner:

Basear-nos-emos nas palavras de Koerner quando diz da necessidade de compreendermos a HL como “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios científicos” e não mais como mero registro da história da pesquisa linguística. Sabemos que essa nova concepção requer um olhar mais cuidadoso por parte do historiógrafo, que se diferenciara do olhar do historiador a partir do momento em que a HL se estabelece como disciplina (BASTOS & PALMA, 2004, p.16).

A língua é o fator principal nessas áreas de estudo e é considerada por estudiosos da área como um produto social, uma atividade do espírito humano, que segue as regras de quem a fala. Sendo um produto de interação entre as sociedades, Nascimento (2005) adverte que é também um produto da atividade histórica do homem:

[...] as mudanças que ocorrem na língua estão correlacionadas às que ocorrem no contexto sócio-histórico, e isso demanda que consideremos, na abordagem historiográfica, seu caráter individual e social. Ora, as mudanças linguísticas se expressam em fatos reais. Acontece, por conta disso, que os usuários da língua manifestam todos os seus sentimentos linguisticamente. Em geral, não objetivam alterar a língua, mas colocá-la em uso efetivo; razão por que a língua muda no uso, o que a leva à inovação e à mudança (NASCIMENTO, 2005, p.14).

Como está veiculada à interação humana e possui seu caráter individual e social, sua concepção está ligada ao falante que interage em um meio social. Nesse contexto, Silva Neto (1986) estabelece a relação entre o homem, a língua e os fatores sociais:

A língua é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigado a prosseguir sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino de quem a falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam (NETO, 1986, 18).

Se o ato linguístico é responsável por fazer história, sabemos que o tempo é determinante nesta construção, sendo a língua o resultado de cada momento de interação, cuja concepção, seja no passado ou no presente, está relacionada com o meio externo.

O estudo que procura entender essa relação linguística com o meio em que foi gerado, é definido numa perspectiva histórica por Altman (2009):

[...] o termo linguística pode se referir a qualquer estudo sobre a linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que se encontrem deles vestígios de documentação. Em consequência, a historiografia da linguística deve incluir entre seus objetos, potencialmente, todas as formas e designações sob as quais se apresentou esse conhecimento (ALTMAN, 2009, p. 117).

Considerada por muitos estudiosos do assunto como uma disciplina com tantas possibilidades de estudo, Batista (2013, p.49) destaca que a disciplina (historiografia da linguística) “não toma por objeto a língua e seus fenômenos, mas o que foi dito e produzido” em contextos sociais e históricos sobre a língua e seus fenômenos, o que se aproxima do parecer de Altman:

A historiografia linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentesque, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento. As maneiras pelas quais o conhecimento se produziu, foi divulgado e percebido também fazem parte, em suma, da sua história(ALTMAN, 2009, p. 22).

Como componente científico, o procedimento investigativo é primordial. Essa consideração adquire maior relevância quando fundamentada por Batista:

Em linhas gerais, costuma-se dizer que à historiografia interessa investigar, além das teorias, o contexto de formação e divulgação dessas teorias. Assim, são elementos pertinentes de observação: o clima intelectual geral de uma época; as formas de reconhecimento histórico de uma determinada época; o estágio de desenvolvimento dos estudos da linguagem e possíveis relações com a situação social e política (tendo em vista principalmente formas de apoio para a formação de pesquisadores e formas de divulgação e inserção de saberes)(BATISTA,2013, p.62- 63).

A historiografia linguística se fundamenta em princípios apontados por Konrad Koerner como uma forma de compreensão e identificação do desenvolvimento e fatos da língua, e para tanto, utiliza como forma de atuação a periodização e a contextualização.

É necessário que o pesquisador não fique restrito aos enunciados linguísticos, mas que também observe atentamente o clima que envolve implicitamente essa escrita, conforme aponta Koerner *apud* Altman (2009, p.22):

Concentrar-se apenas nas instâncias produtoras de enunciados linguísticos é abrir mão de uma variável importante na reflexão sobre o conhecimento linguístico: o clima de opinião do momento em que o texto sob exame se insere, que se poderia definir, aproximadamente, como o que cada membro de uma geração deve ter aprendido por pertencer a tal ou qual época. Uma historiografia que trata apenas dos desenvolvimentos de uma disciplina no interior dela mesma, do ponto de vista de sua “matriz disciplinar”, como se ela tivesse surgido e se desenvolvido em um nada intelectual, social e político, é, em princípio, redutora(ALTMAN (2009, p.22).

Dentro de um estudo historiográfico, priorizar a língua como única explicação para si é algo reducionista. Nascimento (2005) esclarece que não devemos estudá-la como algo absoluto, mas dentro de um paradigma alternativo:

Como ciência linguística, a HL tende a romper o dogma reducionista de mera descrição dos fenômenos lingüísticos. Ela trata das relações complexas em que a Linguística e a História se organizam entre si, de forma convergente, no tratamento da língua. A complexidade desta interdisciplinaridade permite o conhecimento da língua e do homem e de tudo que com eles se relaciona. Nesta perspectiva, a HL nasce com o propósito de inserir a língua no universo humano, não para a isolar, mas para situá-la nesse universo, para integrar e fazer convergir para ela os elementos que a envolvem (NASCIMENTO, 2005, p. 14).

A base epistemológica desse estudo são os princípios desenvolvidos por Konrad Koerner, que nos faz compreender como se deu essa escrita, proporcionando um levantamento de dados históricos, políticos e linguísticos.

O primeiro princípio é a contextualização. Trata-se de um levantamento dos acontecimentos da época estudada, como fatos políticos, sociais, culturais e econômicos que compunham o período. Com essa base metodológica, é possível constatar fatores que contribuem linguisticamente, os quais de acordo com Batista (2013), visam dar sentido às informações materializadas no documento:

Esse princípio é responsável por situar uma obra e seu autor num quadro de reflexão mais amplo, considerando que a produção e a recepção de ideias não se dão de forma isolada, uma vez que os diferentes campos dos estudos da linguagem, exatamente por lidar com o componente que ajuda a definir o homem diante de outras espécies, encontram-se em relação constante com outros horizontes de reflexão sobre o que constitui o homem e sua produção intelectual e social nos diferentes recortes históricos (BATISTA, 2013, p.76).

O segundo princípio é a imanência, um estudo completo, minucioso do texto para se ter um entendimento crítico do mesmo. Observam-se nesta etapa elementos como a ortografia, o léxico, conforme a pretensão do pesquisador, que se fundamenta nas teorias linguísticas veiculadas no período do documento.

Nessa fase, o historiógrafo-linguista deve rever o passado sem interferir nos posicionamentos atuais, tal qual explana Batista (2013, p.76) “o que se pretende é compreender o objeto de análise em sua própria natureza e configuração social e temporal, isto é, analisar o pensamento linguístico tal como ele se define”, ou seja, deve isolar o período em que se estuda para que este não seja corrompido com as concepções do presente.

Para finalizar essa etapa, o pesquisador deve valer-se do último princípio, a adequação -- procedimento em que se fará uma aproximação do que foi encontrado com termos contemporâneos, podendo realizar até uma comparação entre os períodos estudados,



estabelecendo pontos comuns e opostos, adequando o fator linguístico às particularidades de cada período, conhecendo melhor as características de cada um.

Nesse caso, o pesquisador terá que compreender o passado marcado, registrado no objeto e, em seguida, interpretá-lo sob as considerações modernas.

Esses princípios são fundamentais em um estudo historiográfico, pois dessa forma é possível compreender a língua e suas mudanças, e também a história, de forma contextualizada, conforme o objetivo da pesquisa.

A interdisciplinaridade que envolve essa ciência agregou vários aspectos à abordagem da língua, estabelecendo similaridades entre as transformações existentes, e entre o homem e a língua na história. Essas condições sócio históricas da produção linguística desempenham uma função decisiva na constituição da Historiografia Linguística. Acerca desse tema, Batista (2013) *apud* Swiggers complementa:

A historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser “positivo”, i.e., estimulante ou “negativo”, i.e., inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente o *know-how* linguístico foi obtido e implementado. (BATISTA, 2013, p.48)

É evidente que não se trata apenas de descrever os fenômenos linguísticos, mas de relacioná-los à história, pois a missão do historiógrafo da língua é a busca constante de explicações para as mudanças e permanências que ocorrem nessa área, cujos fatores determinantes são extralinguísticos. Um requisito para ser um pesquisador dessa área, segundo Batista (2013), é ser um linguista dotado de saberes que vão além de sua especificidade:

O historiógrafo da Linguística precisa, antes de tudo ser um linguista, porque só munido dessa habilidade é que ele poderá realizar adequadamente críticas e análises de trabalhos relacionados à linguagem. Porém, não basta ao historiógrafo ser um linguista ciente de aspectos teóricos e práticos de sua área; é preciso também que o pesquisador conheça eventos situados na corrente histórica, ou seja, saiba história geral. [...] De posse dessas ferramentas intelectuais, o historiógrafo estaria apto a tomar decisões analíticas e interpretativas a respeito de obras e trabalhos que venha a investigar. (BATISTA, 2013, p.48).

A historiografia linguística para Nascimento (2005), parte do princípio de que a língua, enquanto produto histórico-cultural, torna-se simultaneamente um veículo de expressões e dados socioculturais, e a utilização de documentos históricos do passado é uma forma de conhecer o meio social, de interpretar o homem e a língua.

Definir o que lhe poderia servir como fonte para a pesquisa é algo bem difícil, pois dependerá da pretensão do pesquisador e vai muito além da área linguística. Isso se deve à multidisciplinaridade que engloba esse tipo de estudo. Sua abordagem se estende a biografias, memoriais, correspondências, resenhas, arquivos orais e fotográficos etc.

Como componente científico, a função da historiografia linguística é proporcionar ao pesquisador um procedimento metodológico através de seus princípios, que descreva e explique os dados linguísticos e históricos presentes no documento.

Altman (2012, p.23) “define como tarefa básica da historiografia linguística, a descrição não normativa dos princípios e métodos de produção do conhecimento linguístico e de seus resultados (bem ou malsucedidos) em determinado momento, que passa a ser também fatalmente histórico”. Complementa, afirmando que as ideias linguísticas não se desenvolvem no vazio, desvinculadas de outras que circulam no momento, e esses fatores integram a história.

A busca pela compreensão hermenêutica motivará o historiador e o linguista a desvendarem as pistas extralingüísticas e a explicarem as mudanças e os elementos que compõem o documento, cujos dados possibilitarão um conhecimento da sociedade, do homem e da língua, tanto no tempo passado como do presente, conforme define Nascimento (2005):

(...) ao buscar a interpretação do documento na perspectiva que estamos afirmando, o historiógrafo da língua deve saber que sua especificidade não se prende somente à dimensão linguística do documento, lugar onde se organiza e se enquadra um modo de compreensão da realidade, mas também se estende ao território do contexto intelectual, espaço extralingüístico por meio do qual se pode chegar ao conhecimento do histórico e do social. Queremos dizer que o pesquisador em HL precisa conhecer o todo, mas de forma organizada. Para isso é determinante, além daquelas competências, a capacidade de síntese e a de seleção, bem como uma formação intelectual adequada para interpretar fontes documentais e relacionar os dados com suas possíveis interconexões (NASCIMENTO, 2005, p.16).

Compreender os diferentes períodos da história da sociedade, do homem e da língua, só é possível mediante as considerações de Koerner (1996) de que a pesquisa se constitui como uma construção, arquitetada por um controle sucessivo de operação estabelecida pela concretização dos princípios metodológicos.

Há grandes diferenças entre o passado e o presente. Muitas coisas mudam, e a aplicação desses princípios tem como objetivo colocar o passado em relação ao próprio passado e consecutivamente, o presente.

Para que um período não se confunda com o outro, o pesquisador pode utilizar a metalinguagem. No âmbito da linguística, é o recurso científico responsável por empregar uma linguagem própria para descrever ideias passadas.

No entanto, essa prática linguística deve estar de acordo com a comunidade profissional com a qual deseja interagir, pois ao reconstruir fielmente as práticas do passado, o leitor contemporâneo pode não compreendê-las e nem interpretá-las.

Desenvolver uma pesquisa nessa linha é uma tarefa complexa. Portanto, é primordial que o pesquisador da área de linguística interaja com a história, que tenha um conhecimento social, cultural e até político, para formar o clima de opinião que compõe esse documento linguístico-histórico.

### 1.3 A Historiografia Linguística no Brasil

Desde o século XIX muitos pesquisadores começaram a historiar a linguística e objetivavam a construção de uma teoria que fundamentasse a disciplina. Isso se concretizou a partir da criação das faculdades de filosofia em 1934 na cidade de São Paulo, e posteriormente, em 1935, a disciplina foi considerada legitimamente como ciência da linguagem.

A historiografia linguística se legitimou como uma especificidade acadêmica, a partir do IX Congresso Internacional de Linguística, de 1962, em Cambridge, quando Noam Chomsky vinculou *cartesian linguistics*, modo como designou o estudo das linguagens, da psicologia e de temas relacionados às teorias do passado. Essa inovação se tornou uma polêmica, pois dessa forma era possível abordar num estudo linguístico outras formas nunca estudadas, utilizando áreas afins na pesquisa. Koener *apud* Altman (2012, p. 16), afirma:

No esteio da *cartesian linguistics* surgiram, na segunda metade do século XX, um sem-número de teses acadêmicas, artigos e monografias sobre teorias linguísticas do passado, em meio à nova fornada de manuais mais modernos. [...] Esses, sim, quase todos traduzidos para o português ao longo da década de 1970 (ALTMAN, 2012, p. 16).

Embora a linguística e a história convivessem paralelamente e já fizessem parte dos currículos das faculdades, poucos linguistas brasileiros escreviam sobre a história da linguística.

Em 1975, Mattoso Câmara elaborou um manual sobre o assunto. No entanto, apesar de ser brasileiro, sua obra consistia em textos escritos em inglês direcionados a um público não brasileiro, conforme afirma Altman (2012):

[...] somente alguns anos depois, após morte do autor, seria vertido para o português e publicado na forma de livro. Os originais, datados de 1962, foram escritos para o curso de história da linguística que Mattoso Câmara ministrou na Universidade de Washington, em Seattle, como professor visitante do Instituto de Linguística organizado naquele ano pela *Linguistic Society of America*. (ALTMAN, 2012, p.17).

Parte deste manual, apenas oito capítulos de um total de trinta foi apresentado ao público acadêmico em dois eventos realizados em 1965 no Rio de Janeiro. Isso ocorreu no I Seminário de Orientação Linguística para Professores de Ensino Médio e Universitário e em meados de novembro de 1967 e fevereiro de 1968 no México, no II Instituto Interamericano de Linguística.

De acordo com Altman (2012), Mattoso abordou as tradições clássicas do pensamento linguístico, desde a antiguidade até a tradição sincrônica, que lhe era contemporânea, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, pelos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e por parte do século XX, sendo reconhecido como o introdutor da moderna ciência da linguagem no Brasil. Convém mencionar outros pesquisadores brasileiros que também contribuíram com os estudos linguísticos, como Lobato (1986), Faraco (1991) e Lopes (1993).

A construção do nosso país aconteceu em meio a processos políticos, territoriais e linguísticos, que se tornaram a base para a historiografia linguística brasileira.

Desde o período de colonização, ao longo dos séculos, vários trabalhos missionários foram realizados, principalmente pelos jesuítas que tinham o objetivo de catequizar, ensinar a leitura e a escrita ao povo que aqui vivia.

Em meio à heterogeneidade linguística existente nas colônias que, falavam línguas indígenas, o padre jesuíta José de Anchieta teve relevante contribuição, visto que como protetor da língua geral, aquela falada pelos nativos, descreveu-a a fim de conservá-la.

Dominar essas línguas era fundamental para o progresso, e Altman (2003) aponta que esse domínio era indispensável ao sucesso da empresa colonial, o que favoreceu a implantação de medidas que visassem ao conhecimento da heterogeneidade linguística das colônias.

A língua originalmente falada no Brasil foi objeto das primeiras descrições dos jesuítas. Mattoso, porém, interpretou esse trabalho como uma tentativa de descrição, isso se deve ao distanciamento da língua falada pelos nativos:

O resultado desse trabalho descritivo foi, na interpretação de Mattoso, uma língua quase artificial: o Tupi Jesuítico, ou Missionário, distanciado do Tupi natural que lhe serviu de base. Nos seus termos: “o missionário linguista foi catequético tanto quanto o missionário religioso. Da mesma sorte que se queria melhorar os costumes, o espírito, a moral, a religião do índio, também se pretendia melhorar-lhe a língua, moldando-a ao latim (MATTOSO, 1977.p.102).

Esta descrição classificada como artificial se deve ao fato de que jesuítas não falavam originalmente o tupinambá, tiveram que aprendê-lo. As gramáticas utilizadas, tanto as coloniais quanto as missionárias não tinham um modelo próprio, nacionalista. Portanto, subentende-se que seguiam a tradição latina. Mattoso expõe as divisões que compunham esse estudo:

O campo de estudo das línguas indígenas dividia-se entre uma linguística Tupi, ou estudo objetivo da língua em todas as suas manifestações e especialmente as orais, ainda por ser feito, e uma filologia Tupi, interessada na literatura de intenção religiosa criada em Tupi pelos missionários (CÂMARA JR, MATTOSO, 1977, p.106).

Altman (2012) pontua que os primeiros descritores que aprenderam essas línguas o fizeram, evidentemente, também em convivência com os falantes nativos. Para isso, era necessário criar métodos para registrá-las, pois essas línguas não possuíam descrições prévias e nem eram faladas por quem as descrevia.

Os estudos sobre a fundamentação da língua portuguesa utilizada no Brasil tiveram maior destaque depois da Independência, pois se pretendia enaltecer a produção linguística do país. Quanto à implantação da linguística como disciplina no Brasil, aconteceu tardiamente, se comparada aos estudos europeus ou norte-americanos, e, por esse aspecto, as primeiras gerações de linguistas brasileiros iniciaram uma corrida ao tempo, a fim de dominar as técnicas consideradas revolucionárias e acompanhar a contemporaneidade.

Essa realidade brasileira foi marcada por Altman (2009) quando afirma:

A geração dos anos sessenta, que mal se incumbira das novas tarefas da linguística do Brasil relativas à descrição (estrutural) sincrônica das línguas indígenas e do português aqui falado (e suas variedades) se via quase que simultaneamente, bombardeada por concepções de teorias linguísticas ainda mais ‘novas’ e, principalmente, por novos critérios e objetivos de análise, de cujos desdobramentos precisava sempre estar a par (ALTMAN, 2009, p.127).

Não só a língua contribuiu para este avanço, mas o contexto brasileiro dos anos sessenta era marcado por uma constante transformação social, econômica e política que estimulava os pesquisadores a absorver essa realidade e buscar novos modelos.

Posteriormente, os estudos voltados para a língua ou formas de linguagens avançaram no Brasil, muitos pesquisadores estão direcionando suas pesquisas para a revisão ou o conhecimento diacrônico do pensamento linguístico, conciliando saberes linguísticos e históricos.

Mas há ainda uma grande polêmica na legitimação dessa linha de pesquisa, embora o seu reconhecimento tenha sido em 1935, ela só foi institucionalizada por resolução federal em 1962, apresentando muitas concepções a seu respeito.

A historiografia linguística como uma disciplina que tem como objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social, cultural, através do tempo e para ela numa perspectiva ampla, o termo linguística pode se referir a qualquer estudo sobre a linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que se encontrem dele vestígios de documentação (ALTMAN, 2012, p.20-29).

Nascimento (2005) considera que a historiografia linguística se constitui como ciência em ascensão no âmbito da linguística e integra o universo das áreas de conhecimento que concebem a língua em sua relação com a história e a realidade social, mas não se confunde com a história da linguística, nem com a história da língua, nem com história das ideias linguísticas, nem com a historiografia da linguística, embora considere que essas áreas possuam a língua com eixo comum e sua vinculação com fatores históricos e socioculturais.

Como ciência linguística, a Historiografia Linguística tende a romper o dogma reducionista de mera descrição dos fenômenos linguísticos. Ela trata das relações complexas em que a Linguística e a História se organizam entre si, de forma convergente, no tratamento da língua. A complexidade desta interdisciplinaridade permite o conhecimento da língua e do homem e de tudo que com eles se relaciona. Nesta perspectiva, a Historiografia Linguística nasce com o propósito de inserir a língua no universo humano, não para isolar, mas para situá-la nesse universo, para integrar e fazer convergir para ela os elementos que a envolvem (NASCIMENTO, 2005, p.14)

Ele considera que a interdisciplinaridade das ciências na década de 1970, e ainda em vigência, seja o grande desafio para consolidação da Historiografia Linguística, cuja denominação resulta da interação da Linguística e da História e que se somam a História, nesse processo de interação, outras áreas de conhecimento, como a Sociologia entre outras.

Utilizamos muitos autores brasileiros que se destacam nessa área,mas no período correspondente a este estudo, Maria Cristina Fernandes Salles Altman, entre outros, tem sido referência em Historiografia Linguística.

## 2–FUNDAÇÃO DE NOVA ANDRADINA (MS)

Formamos o clima de opinião situando o documento histórico utilizado nessa pesquisa. Em virtude disso, apresentamos resumidamente a história de Nova Andradina, dando maior enfoque à fundação da cidade, pois esse período está próximo do ano da agenda utilizada no *corpus*, sendo um fator de contextualização.

### 2.1 - História do Município

Nova Andradina se localizana região sudeste de Mato Grosso do Sul, a cerca de 300 quilômetros da Capital do Estado, Campo Grande. Além disso, possui localização privilegiada, pois está a 65 km da divisa com os estados de São Paulo e Paraná.

O município foi fundado em 20 de dezembro de 1958 e instalado oficialmente no dia 30 de abril do ano seguinte, em 1959, quando se desmembrou da comarca de Rio Brilhante, pertencente até então ao município de Bataguassu.

Seu fundador, o pecuarista paulista Antônio Joaquim de Moura Andrade (1889-1962), é o mesmo colonizador de Andradina, no interior de São Paulo. O topônimo Andradina, presente em ambas as cidades, é uma homenagem à Moura Andrade, sendo que, na localidade sul-mato-grossense, acrescentou-se o prefixo “Nova”, para evitar confusões entre as cidades.

Antes de chegar às terras que hoje formam Nova Andradina, Moura Andrade havia iniciado seus trabalhos de colonização em Mato Grosso, no final da década de 30. Ainda antes da divisão do Estado em 1977, adquiriu da unidade federativa a Fazenda Caapora, depois intitulada como Fazenda Primavera, localizada nas proximidades da baía do Rio Samambaia, no vale do Rio Paraná -- local onde mais tarde o pecuarista iniciaria a construção de um porto fluvial.

Anos depois, o pioneiro, visando o progresso, expandiu suas propriedades ao adquirir as fazendas Santa Bárbara, Xavante, Panambi e Baile, esta última em 1951, propriedade até então pertencente à família Barbosa Martins.

Iniciou o traçado da cidade de Nova Andradina em 1956, quando desmembrou da Fazenda Baile uma área de 692,12 hectares para a área urbana e 9.277, 57 hectares para a área rural. Assim, deu início ao seu sonho abrindo estradas, construindo casas, escolas e nesse

intento, trouxe consigo muitas famílias, implantando os alicerces da cidade de Nova Andradina (MS).

Após este processo, foram loteadas outras propriedades rurais, oferecendo grandes vantagens aos migrantes. A ação culminou em uma veloz povoação da região, contando com um relevante número de paulistas, paranaenses, mineiros e, principalmente, nordestinos, que se deslocaram ao então embrião da cidade.

Nesse mesmo ano, em um barracão da empresa, Andrade procedia a abertura das ruas da cidade e instalou-se a primeira escola nova-andradinense, que teve como docentes os professores Katsuko, Mariko Fujibayashi, Cecília Holanda e Efantina Quadros, conhecida popularmente como Dona Lalá. Em 1958, foi erguido um prédio de alvenaria, onde se criou a sede do Grupo Escolar Moura Andrade.

Nova Andradina possui uma população de 49.104 habitantes em 2013, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o que coloca a cidade em sétimo lugar no estado. Também conhecida como “Capital do Vale do Ivinhema”, Nova Andradina conta com uma área calculada em 4.776,10 km<sup>2</sup> e se encontra a uma altitude de 380 metros. Seus principais rios são o Anhandui, Ivinhema, Ribeirões São Bento e Laranjal, Córregos Baile, Papagaio, Bernardo e Samambaia.

Atualmente, o município é a sétima maior cidade de Mato Grosso do Sul e ocupa a nona colocação no PIB do Estado, fazendo do município o principal centro urbano e econômico da região sudeste.

## **2.2 Antônio Joaquim de Moura Andrade**

Apresentamos um resumo histórico sobre a vida de Moura Andrade, que, em nosso estudo, tem grande relevância, não apenas por ser o fundador de Nova Andradina (MS), mas também por termos acesso aos seus manuscritos, que constituem parte fundamental em nossa pesquisa.

Destacamos que o acesso a um documento tão antigo possibilitou-nos a aplicação teórica à prática. Nesse contexto, os princípios da historiografia entremeiam-se e indicam a trajetória, cujo resultado consiste num grande esforço. É por meio de suas anotações e relatos que, a cada leitura, conhecemos os seus negócios, a sua família, sua dedicação à aviação, os esforços feitos como desbravador nesse estado e também a outros. Enfim,



conhecemos a história de Moura Andrade, a história de Nova Andradina, a história do país e, principalmente, a nossa língua.

A seguir, apresentamos um pouco de sua vida.

### **Antônio Joaquim de Moura Andrade**

No dia 22 de dezembro de 1889, nasce o segundo filho do sitiante Joaquim Theodoro de Andrade e Maria Júlia das Dores, Antonio Joaquim de Moura Andrade, em Espiraiada do Varjão, freguesia de Brotas, interior de São Paulo, onde seus pais eram sitiantes.

Moura Andrade teve contato com as letras, por intermédio de seu bisavô paterno, Francisco Antonio Gouvea, que o ensinou a ler e a escrever.

Como moravam na zona rural, tinham que ir à cidade para fazer compras. Seu pai sempre comprava no armazém de um sírio, local que se vendia mantimentos e outras coisas que normalmente as pessoas necessitavam. Num dia de compra, como havia várias pessoas no estabelecimento, Moura Andrade se prontificou a ajudar o comerciante, sendo que o mesmo notou sua habilidade e contratou-o como funcionário, apesar de ter apenas doze anos de idade.

Com o comerciante sírio, ele aprende a fazer cálculos, enfim, a arte do comércio. Além disso, aprende a língua síria, passando a fazer a contabilidade, a descrição dos produtos em língua síria e portuguesa para outros comerciantes da região.

A família muda-se para Brotas em 1904, onde abre um comércio de carnes, sendo que, neste mesmo ano, Moura Andrade começa a trabalhar de caixeiro.

Em 1906, a família muda para Alto Alegre e depois para Taiúva, trabalhando como guarda-livros nas fazendas da região.

Antonio Joaquim de Moura Andrade pretendia se casar com Guiomar Soares Andrade. Mas, de acordo com Antonio Fernando Prado Andrade, bisneto do fundador, quando sua pretensão foi comunicada ao pai da noiva, o pai desta, Tertuliano Soares Leitão, fazendeiro em Gavião Peixoto (SP), ponderou que, como ele havia recentemente enviuvado, seu filho Luiz ainda era muito pequeno, de colo, e que precisava de Guiomar para cuidar de seu irmão.

O pretenso noivo, Antonio Joaquim, ressaltou que ele poderiam se casar assim mesmo, levando o pequeno Luiz, considerando-o já como primeiro filho. Dessa forma, Luiz Soares passou a chamar-se Luiz Soares Andrade, e com o casamento vieram os outros filhos, Eurico, Auro, Antonio, Wanda, Nelson e Lúcia.

Em 1913, associa-se a Seraphim Collettes, sitiante na região, e a Guilherme Moura, telegrafista da estação de trem em Taiúva, e juntos fundam a empresa “Collettes, Moura, Andrade & Cia”, dedicando-se ao comércio de cereais, pois tinha comprado uma máquina de beneficiar arroz.

Com o advento da I Guerra Mundial, em 1914, o comércio de cereais é muito ativado, sobretudo pelas exportações, e, nesse contexto, inicia a carreira de “comissário de café”, comprando as primeiras safras da região.

Um ano depois, altera a razão social de sua empresa para “Moura Andrade & Cia”, visto que o Sr. Collettes, retirou-se da sociedade.

Em 1917, começa a adquirir parte da fazenda Barra do Tietê, em Araçatuba (SP), e, um ano após, começa a derrubada da mata para a implantação da fazenda Guanabara.

Em 1937, retira-se da sociedade o Sr. Guilherme Moura, mas, devido à grande amizade que tinham e para homenageá-lo, os irmãos Andrade decidem assinar e conservar o sobrenome Moura. Ainda neste ano, Antonio J. Moura Andrade funda, no dia 11 de julho, a cidade de Andradina (SP).

Seu otimismo enquanto desbravador parecia não ter barreiras, nem fronteiras, pois em 1938, cruzou o Rio Paraná, adquiriu juntamente com Jaime Ferreira Martins, parte da Fazenda São Bento, no município de Rio Brilhante (MS), e anos depois, adquiriu de Henrique Martins a Fazenda Baile, que era parte da fazenda São Bento, onde abriu 60 quilômetros de estrada, ligando as duas fazendas.

Adquiriu também neste período, outras glebas na margem direita do rio Paraná, dando início à implantação da Fazenda Primavera, que hoje pertence ao município de Batayporã (MS).

Como destemido colonizador, utilizando máquinas e tratores, construiu estradas, transpondo matas, rios, varjões e abriu mais de 250 quilômetros de estrada. Sendo que, em 1958, funda em 20 de dezembro, outra cidade, chamada de Nova Andradina (MS) em homenagem à cidade de Andradina (SP).

Além de fundar estes dois municípios, Moura Andrade com sua visão progressista, teve grande contribuição na solidificação da aviação civil no país, juntamente com o jornalista Assis Chateaubriant, que o chamou de “descomunal Moura Andrade”.

Desde muito jovem, Moura Andrade sempre trabalhou, foi escriturário, comprador de grãos, comerciante de café e, de 1930 a 1960, o maior pecuarista do Brasil, o que lhe valeu a alcunha de “Rei do Gado”.

Devido a esse destaque, foi homenageado com a música “Rei do Gado” de Teddy Vieira, gravada por Tônico e Tinoco. Esta foi regravação por diversos cantores famosos do gênero, como Tião Carreiro & Pardinho.

Com seu empenho, mesmo com recursos próprios, Moura Andrade visava levar a modernidade aos mais remotos sertões. Foi com este objetivo que ele possibilitou o crescimento do município e do nosso país, vindo a falecer no dia 08 de fevereiro do ano de 1962, deixando os seus feitos como parte da história.

### 3 - A ORTOGRAFIA NA LÍNGUA PORTUGUESA

#### 3.1A ortografia na gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira

As gramáticas são obras elaboradas para orientar o uso da língua, no que concerne à fala e à escrita. A utilização da língua, seja em qualquer modalidade, requer conhecimentos que a gramática esclarece e explica, inclusive a ortografia.

Na primeira metade do século XX, o Brasil teve um grande colaborador à consolidação da língua portuguesa, trata-se de Eduardo Carlos Pereira, pesquisador que dedicou sua vida à educação e à igreja. Para ele, a nomenclatura “gramática” que se origina do grego *gramma* (letra), é responsável por sistematizar a linguagem divide-se em: geral, particular, histórica e expositiva.

Classifica-se como geral, a gramática que estuda a comparação de línguas do mesmo gênero, como a *Gramática das Línguas Românicas*, ou seja, aquela que compara as línguas originárias do latim. A gramática particular estuda os fatos de uma língua particular, seja em seu estado atual ou com suas transformações, enquanto que, a histórica é descrita como aquela que estuda as transformações de uma língua, no tempo e no espaço, através de um estudo comparativo.

A gramática expositiva, de acordo com Pereira (1941, p. 20) “é a que expõe ou descreve metodicamente os fatos atuais de uma língua determinada”, no caso da língua portuguesa, expõe as regras relativas ao seu uso correto.

Seguindo a linha dessa pesquisa, além de utilizarmos como referência a gramática, é importante inseri-lo num contexto social e histórico, destacando alguns pontos sobre a sua vida e acerca de suas produções.

Eduardo Carlos Pereira nasceu em Caldas, no estado de Minas Gerais, no dia 08 de novembro de 1855. Iniciou sua vida religiosa como líder da Igreja Presbiteriana no Brasil, integrando a primeira geração de pastores, sendo que, nessa atuação, destacava-se pelas produções concernentes ao protestantismo, como: “As origens da igreja Presbiteriana Independente do Brasil” (1903), “A Maçonaria e a Igreja Cristã” (1922) etc.

Sua trajetória transpunha o espaço físico da igreja, visto que, em seu pastorado, levava os preceitos religiosos para a sociedade, divulgando-os nos jornais e revistas da época. Seus artigos tratavam de temas como o alcoolismo, o protestantismo e a pátria.

Foi o primeiro professor público de português no colégio D. Pedro em São Paulo. O Brasil nesse período difundia uma educação sem interferências religiosas, chamada de era do positivismo. No entanto, em sua atuação no magistério e na produção de suas gramáticas, procurava passar conceitos cristãos advindos do Cristianismo.

Com todos esses feitos, teve grande contribuição para a sociedade brasileira, destaca-se não só como pastor, mas como gramático e filólogo. As suas pesquisas, como professor, resultaram em gramáticas que marcaram épocas na história da língua portuguesa no Brasil, como define Gutierrez (2010, p.01):

Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), um dos líderes da primeira geração de pastores presbiterianos brasileiros, distinguiu-se como professor e gramático, sendo professor por muitos anos na escola pública e autor de importantes obras sobre gramática. Ele contribuiu, também, de forma relevante, para a língua portuguesa em nosso país. Pereira usou um órgão da imprensa presbiteriana, “O Estandarte”, jornal que ele mesmo fundou em 1893 e no qual atuou como redator responsável. Escreveu artigos com vista a educar a sua denominação eclesiástica e a sociedade (GUTIERRES, 2010, p. 01-02).

Suas gramáticas foram, por muitos anos, utilizadas nos colégios, e, por várias vezes, reeditadas. Além de descrever, conceituar e dar exemplos práticos, fazia-os, utilizando a educação moral, um vestígio de sua vida religiosa.

Como professor do Colégio Pedro II, Eduardo Carlos Pereira publica sua *Grammatica Expositiva*, focada a princípio, no ensino superior, em fevereiro de 1907. Como a obra teve grande aceitação, adaptou-a para o curso secundário, publicando uma versão simplificada em dezembro de 1907. A obra é de grande representação para época, pois reproduz o programa oficial de ensino adotado no Colégio Pedro II que devido ao grande êxito, teve um grande número de edições e muitas décadas de uso.

Utilizamos como base teórica dessa pesquisa, uma obra do referido autor, mas, ressalvamos que o prólogo é datado de 1907, porém a obra foi publicada em 1941 e está em sua 57ª edição, sendo inicialmente editada na primeira data apresentada. Koerner (1996) “sugere ao autor que trabalhe preferencialmente com a primeira edição dos documentos, e na impossibilidade disso, trabalhar com as edições críticas”.

O acesso à primeira edição da *Gramática Expositiva do Curso Elementar* não foi possível, devido à sua raridade. Trabalha-se, no entanto, com a 57ª edição, o que não invalida a análise, uma vez que se preserva o Prólogo da Primeira Edição. Portanto, trata-se de um documento original e autêntico que reflete o clima de opinião da época concernente ao *corpus* deste estudo.

Consta no prólogo da obra, parte inicial com a referida data no final, Pereira criou o curso elementar, adaptando-o às conveniências do português, utilizado no programa Ginásio da Capital do Estado de São Paulo. Seu conteúdo visava associar a teoria à prática, contemplando exercícios de redação, modelos de análise, observações e notas explicativas.

O autor apresenta sua obra *Gramática Expositiva* como aquela que expõe ou descreve metodicamente os fatos atuais de uma língua e ao referir-se aos recursos utilizados em sua gramática expressa seu compromisso político, ideológico, moral e religioso com o aluno cujo objetivo o próprio (Pereira) relata:

Além disso, levado por uma sugestão do programa oficial de português que determina “a apreciação de trechos em que entrem provérbios, máximas e sentenças morais”, enriquecemos o nosso humilde trabalho com dezenas de provérbios, máximas e ditos sentenciosos, que demos para aclarar e fixar as regras. Com tais exemplificações colimamos três fins: a) a fixação fácil da regra pelo frisante e agradável do exemplo; b) o enriquecimento do espírito da mocidade com o legado venerável da boa e velha linguagem contida nos prolóquios populares; c) a influência salutar dos princípios morais, que eles contêm. Destarte satisfazemos o excelente princípio da pedagogia alemã: aguçar o intelecto e formar o caráter (PEREIRA, 1941, p.11).

A metodologia é a base de um trabalho, um planejamento que Pereira (1941) utilizou para expor os fenômenos da língua em sua “gramática”. Termo que, para o autor, significa a sistematização dos fatos da linguagem. Mas esclarece que, para estudá-los, é preciso estabelecer um elo entre as unidades, para que se tenha um amplo conhecimento da língua:

Quanto ao nosso método expositivo, dois princípios nos serviram de fio condutor através da multiplicidade e mobilidade dos fenômenos gramaticais: a) não partir a gramática em pequeninos, multiplicando ao extremo as divisões e subdivisões, com grave detrimento da clareza; b) classificar os fatos e prendê-los na unidade de um todo harmônico (PEREIRA, 1941, p.11).

Essa unidade defendida é compreendida quando em seu método, não defende a exclusividade da corrente moderna e nem da tradicional. Verificamos essa harmonia em suas palavras acerca do método adotado:

Em primeiro lugar, procuramos a resultante das duas correntes – da corrente moderna, que dá ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupa com o elemento lógico na expressão do pensamento. Há verdade nas duas correntes: o erro está no exclusivismo de uma e de outra, ou melhor, na confusão de ambas (PEREIRA, 1941, p. 09).

A eficiência de seu método de ensino associada às teorias resultaram em gramáticas que consideravam os fatos atuais da língua como decorrentes de um processo histórico. Esse ecletismo evidencia-se em suas afirmações:

Ninguém contesta, certamente, que os fatos atuais da língua têm sua explicação racional nos antecedentes históricos da mesma língua. É na fonologia, morfologia ou sintaxe históricas que encontramos a razão de ser das regras atuais da gramática expositiva sobre a pronúncia, sobre a forma dos vocábulos, ou sobre os processos sintáticos. Daí não se segue, porém, que o estudo da gramática histórica deva anteceder ou mesmo acompanhar o estudo da gramática expositiva. É esta, entretanto, a lamentável confusão que tem grandemente prejudicado, nestes últimos tempos, o ensino da língua nacional. Basta, para satisfazer as exigências racionais do ensino expositivo, seguir-se a opinião criteriosa de Brachet, isto é, basta ministrar a dosagem histórica ao alcance do aluno, suficiente para a clara inteligência dos fenômenos atuais, sem que seja necessário baralhar o estudo da gramática histórica com o estudo da gramática expositiva. Obedecendo a este critério, consignamos, nas Notas e Observações, rápidas explicações históricas sobre a regra expandida no texto (PEREIRA, 1941, p. 09).

Para o gramático, ensinar a língua nacional de forma eficiente, exigia do professor de português, não apenas o conhecimento de regras, mas a compreensão de como ela se concretizou dentro de um processo histórico.

No que diz respeito aos princípios e aos seus planos com a edição desta obra, Pereira deixa claro o esforço em expor os fenômenos linguísticos. Para esse fim, apoia-se em renomadas autoridades clássicas, que exemplificam as teorias gramaticais, de modo que, apresentem um corpo harmônico que agreguem a forma clássica e moderna da língua. Sobre essa base teórica, o gramático enfatiza:

Ao lado dos mestres, tivemos de colocar, com igual escrúpulo, os exemplos clássicos, que firmavam a doutrina. Como se vê da lista, que em seguida publicamos, escolhemos autoridades clássicas de reputação incontestada, e de preferência os escritores modernos. Dada a evolução da língua, não se pode provar, em boa lógica, a vernaculidade atual de uma expressão qualquer com a autoridade de um clássico antigo. É esta a razão por que, em nossa abundante citação, demos preferência a Alexandre Herculano e a Antonio Feliciano de Castilho, esses “dois grandes mestres do moderno classicismo”, no dizer acertado do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro (PEREIRA, 1941, p. 10).

No início do índice, o autor, por se tratar de uma gramática, conceitua termos essenciais à compreensão do leitor, como gramática, língua, palavra e frase. Elucidaremos essa abordagem por meio das palavras do próprio Pereira (1941):

Língua “é um sistema natural de palavras de que se servem os agrupamentos de homens para entre si comunicarem seus pensamentos”. A língua pode ser -- viva, morta ou extinta. Viva, quando falada por algum povo, como o português, o francês, etc.; morta, quando não mais falada por povo algum, e só conhecida por documentos escritos, como o latim, o hebraico, etc.; extinta, quando dela não existe, sequer, um documento (PEREIRA, 1941, p.17-18).

Pereira expõe a divisão do estudo gramatical, que, para ele, divide-se em duas partes: a primeira estuda as palavras consideradas em si, isoladamente, e intitula-se Lexeologia; a segunda estuda a combinação das palavras, a Sintaxe.

Na primeira parte gramatical, entre os aspectos fonológicos, aborda a fonética e suas classificações, as combinações dos fonemas e as suas pronúncias, denominadas de prosódia. A ortografia, suas regras e abreviaturas é o ponto que mais nos interessa, mas, a morfologia também é detalhada. Por último, ainda nesta parte, apresenta um estudo etimológico composto pela formação, derivação e composição das palavras.

Na segunda parte da obra, o gramático aborda as palavras que integram a frase para expor um pensamento, uma análise sintática. Para isso, ele apresenta as formas em que as palavras podem combinar (a coordenação e a subordinação) classificando os termos das frases em essenciais (sujeito e predicado) e acessórios (adjetivos, advérbios, apostos, vocativos e complementos).

Orienta acerca dos processos sintáticos classificados pelo mesmo em concordância, regência e colocação e se refere a também chamada construção, ordem ou posição dos termos na estrutura da frase, a ordem direta ou inversa, atualmente denominada indireta, e expõe as regras que norteiam tais processos.

Conceitua as figuras de sintaxe, abordando as três principais: o pleonasma, a elipse e anástrofe (inversão dos termos por anteposição ou posposição). Complementa seu estudo apresentando os vícios que podem surgir na linguagem (barbarismo, solecismo, cacofonia) e a classificação do período. Neste ponto, há uma nomenclatura que se diferencia das gramáticas contemporâneas, o período denominado por ele como complexo. Ou seja: aquele que tem uma proposição completada por outras a ela ligadas por partículas subordinativas.

Por fim, apresenta os sinais de pontuação e as regras que orientam sobre o uso de cada um, finalizando com exercícios de composição e redação, como a descrição e a narração.

A ortografia é definida como a correta transcrição dos vocábulos. No entanto, deixa evidente que algumas palavras são escritas conforme a pronúncia, além de seguirem a forma primitiva da língua, ou seja, sua origem etimológica, formando um sistema misto.

Pereira classifica a ortografia em três sistemas: o fonético, o etimológico e o misto. O primeiro sistema corresponde aos primeiros documentos da língua, cuja pretensão era uma transcrição exata da junção entre o fonema e a letra. Essa uniformidade é abordada pelo referido autor:



Sistema fonético, fônico ou sônico, é o que consiste em se transcrever cada fonema pela letra correspondente, isto é, em se escrever como se pronuncia, de modo que a palavra escrita seja a imagem exata da palavra falada, p. ex.: *aflito, ação, ginásio, ato, tísica, encetar, isento, cisma, matar* (PEREIRA, 1941, p. 52).

Acerca do sistema etimológico e de sua incorporação à língua, Pereira (1941) complementa:

Este sistema tradicional, que guarda em consoantes insonoras, a lembrança de sons obliterados. A realização estrita de seu escopo daria no divorcio absurdo entre a linguagem falada e a escrita. Por isso tal sistema não passa de uma tendência, que se modifica a sabor das circunstâncias. Começou a desenvolver-se com as latinistas do século XV (PEREIRA, 1941, p.52).

A aproximação entre a forma gráfica à forma original era o objetivo deste período. No entanto, essa busca resultou em algumas mudanças, que resultaram na combinação de dois sistemas. Pereira (1941) nomeou-o de misto, por modificar o rigor etimológico com o elemento fonético.

A vinculação da ortografia à fonologia é notória, quando o autor inclui orientações acerca dos sinais gráficos, justificando esse entrelaçamento com duas condições:

1.º Indicar, com a maior segurança para quem lê, quais são os vocábulos átonos e quais são os tônicos, e nestes qual seja a sílaba predominante, quando tenham mais de uma; 2.º Diferenciar entre si vocábulos que se escrevem com as mesmas letras, mas divergem na pronúncia e na significação, ou função gramatical (PEREIRA, 1941, p. 62).

Todavia ressaltamos que as regras concernentes à acentuação foram complementadas conforme nota emitida pela editora:

Reproduzimos “*ipsis verbis*” o *Vocabulário Ortográfico* resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa; reproduzimos, outrossim, o Decreto-lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938, que torna obrigatório o uso da ortografia resultante do referido acordo, fixando, porém, em 9 regras a acentuação gráfica (PEREIRA, 1941, p.70).

O primeiro sinal apresentado em sua abordagem é o acento agudo (´) sobre a vogal que integra a sílaba tônica da palavra quando esta for “a, e, o” com sons abertos e “i ou u”. O acento circunflexo (^) é usado para indicar som fechado nas vogais â, ê, ô, como em câmara, mercê e avô.

Já o til (~) valia como acento tônico quando o vocábulo não era marcado por outro acento utilizado nas vogais ã, õ. Entretanto, ressalta que as letras m e n, quando se relacionam com uma vogal antecedente, possuem a mesma função que o til.

O trema (¨) sobreposto ao *i* ou *u* átonos indicava que estes fonemas não formavam ditongo, ou seja, para informar que as vogais se separavam, formando hiato, como elucidada o vocábulo “saüdar”, mas ressalta que quando estas forem tônicas, sobrepõem-lhes o

acento agudo: saúde. Este acento também era utilizado sobreposto aos grupos *gue qu* quando o “u” era pronunciado, como nas palavras frequência e aguentar.

O acento grave ( ` ) designava a pronúncia correta de um vocábulo ou forma verbal quando era conveniente ou necessário, e também para marcar o valor das vogais *a, e, o*, independentemente de sua tonicidade: ex.: pegada, molhada, facilmente.

Notificamos que muitas dessas regras foram alteradas, outras abolidas, haja vista que o Decreto-lei nº292 revoga as disposições contrárias. Algumas mudanças são radicais e profundas, a começar pelo trema que passou a não ser mais usado em nenhuma condição.

Quanto ao acento agudo passou a ser usado nas palavras proparoxítonas, então denominadas por Pereira (1941) como esdrúxulas quando indicavam som aberto, nas formas verbais agudas terminadas em *a, e, i, o, u*, nos ditongos abertos cuja vogal tônica é “*e* ou *o*” como em chapéu, idéia, jibóia.

Nota-se que algumas regras não apresentavam rigorosidade, pois não eram específicas. Eis algumas:

Levam o acento conveniente, agudo ou circunflexo, as formas verbais ou monossílabas tônicas que ficam terminados em vogal por ter caído a consoante final; dí-lo, pô-lo, dí-lo-ei. Levam o acento competente, agudo ou circunflexo, os oxítonos terminados em *a, e, i, o, u*, tônicos, seguidos, ou não, de *s*: *tupí, tupis*. Levam o acento conveniente, agudo ou circunflexo, os monossílabos tônicos terminados nas vogais *a, e, o*, seguidas, ou não, de *s*: *pá, Brás* (PEREIRA, 1941, p.70).

Na introdução acerca das regras de ortografia, Pereira (1941) desconsidera a duplicação das consoantes, exceto as letras *r* e *s* que por força da pronúncia escrever-se-ão *barro* e *passo*, e só seriam duplicadas quando integravam palavras compostas, a exemplo de *prorrogar* e *prosseguir*, ou seja, antepostas por prefixo e por último, quando no grupo *cc* (*consoante consoante*) diferirem sonoramente entre si, como *infecção, sucção*.

As consoantes que não eram pronunciadas “consoantes mudas” não deviam ser escritas. No entanto, adverte que em algumas palavras não apresentará alterações na grafia:

Assim, escrever-se-á: autor, sinal, adesão, aluno, salmo, e não: auctor, signal, adhesão, alumno, psalmo; mas nenhuma alteração se fará na grafia das palavras -- abdicar, acne, gnomo, recepção, caracteres, optar, egípcio, egípcíaco, egíptólogo, espectador, expectativa, mnemônica e outras em que as letras *bd, cn, pç, ct, pt, pc, mn*, soam separada e distintamente (PEREIRA, 1941, p.53).

Para complementar esta regra, Pereira (1941) faz uma elucidação bem específica, indicando o emprego e a proscricção do “*h*”. Mantém-se essa consoante quando a

palavra possuí-la etimologicamente, nos vocábulos compostos por prefixos desde que o último elemento seja uma palavra autônoma, nas combinações *ch*, *lh*, *nh* como sinal diacrítico e como sinal de interjeição.

A suspensão desta letra também ocorre quando se apresentar nas seguintes circunstâncias, conforme Pereira (1941, p. 54):

a) -- quando figurar no meio das palavras, com exceção dos casos acima indicados -- sair, compreender, coorte, cair, exumar, proibir e não compreender, cohorte, exhumar, proibir;

b) -- das formas pronominais do futuro e condicional dos verbos: -- dever-se-á, escrever-se-á, dir-se-ia, ter-se-ia, e não dever-se-há, dir-se-hia, etc.;

c) -- quando figurar no fim das palavras -- Jeová, rajá e não Jehovah, rajah.

Outros grupos perderam uma letra. É o caso do *ph*, *rh*, *eth* em que a letra *h* foi suprimida, filosofia (filosofia), rethórica (retórica) e entusiasmo (entusiasmo) e no grupo *ch* foi substituído pelo *qu* antes de *e* e *i*: traquéia, quimera; e por *c* nos casos caldeu, cromo, Cristo, entre outros.

Alguns ditongos sofreram mudanças passando de *eo*, *io*, *oe* para *eu* ou *eu*, *iu*, *ói*, a exemplo de *chapeo*, *chapéu*, *teo*, *teu* *partio*, *partiu*, *anzoes*, *anzóise* os ditongos *õe*, *oeee* permaneceram: *mãe*, *anões*, *pões*, *azues*.

Como o uso das consoantes *m* e *n* era aleatório, Pereira (1941) indica a substituição do *m* no grupo *mp* pela consoante *n* nas palavras em que não se use o *p* etimológico, como nos casos de *assumpto* e *prompto*.

As palavras portuguesas ou aportuguesadas que apresentavam as letras *k*, *w* e *y* foram substituídas. A primeira por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* em qualquer situação: *querosene*, *quiosque*, *quilômetro*, *quilo* e *cágado*, a segunda por *u* ou *ve* a terceira por *i*.

Por fim, estabelece regras que diferenciam o uso do *s*, *z* e *x* e orienta sobre a ortografia em nomes próprios. Enfim, a uniformidade da ortografia não alcançou a sua plenitude, porque, na língua, a ortografia ocupa o seu espaço num determinado tempo e espaço como afirma Pereira (1941, p.09):

Ninguém contesta, certamente, que os fatos atuais da língua têm sua explicação racional nos antecedentes históricos da mesma língua. E na fonologia, morfologia ou sintaxe históricas que encontramos a razão de ser das regras atuais da gramática expositiva sobre a pronúncia, sobre a forma dos vocábulos, ou sobre os processos sintáticos (PEREIRA, 1941, p.09).

A ortografia, desde a sua origem, apresenta modificações. Pereira, em sua obra, ao referir-se ao uso de algumas consoantes, toma como base a etimologia. No entanto, traz em sua gramática as regras ortográficas que compunham a Reforma Ortográfica, que proscovia muitas delas, a partir de 1931.

### **3.2 A Ortografia na Gramática Histórica de Coutinho**

Ismael de Lima Coutinho nasceu em 12 de maio de 1900, em Paraoquena, município de Santo Antônio de Pádua, no estado do Rio de Janeiro. Com dezessete anos decidiu ingressar no Seminário São José de Niterói (RJ), retribuindo a gratuidade de seu curso, auxiliando no ensino de outras classes. Durante nove anos permaneceu nesse local, tempo que se dedicou aos estudos e adquiriu novos conhecimentos.

Não seguiu a vida religiosa, pois teve uma grande decepção devido à morte de seu protetor, bispo de Niterói, D. Agostinho Benassi, afastando-se do seminário.

Iniciou sua carreira lecionando por dois anos no Colégio Silvio Leite (RJ), mas volta à sua cidade natal, onde passa a dar aulas num educandário. Em 1929, iniciou o curso de direito, vindo a concluir em dezembro de 1932, o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da então, Universidade do Brasil. No entanto, como desde o seminário demonstrara interesse pela língua clássica, Coutinho não advogou.

Como professor, lecionou aulas de português, latim e grego. Foi coordenador de grupos de cursos no Instituto de Educação no Rio de Janeiro, e formou, juntamente com um grupo de educadores, o Instituto de Humanidades.

Exerceu vários cargos administrativos ligados à educação, como: Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Presidente do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, Diretor da Faculdade Fluminense de Filosofia etc. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Filologia, ocupou a 21ª cadeira na Academia Fluminense de Letras, e faleceu em 24 de julho de 1965.

A gramática que se utiliza nessa pesquisa foi publicada em 1938 e reeditada por várias vezes.

O autor nomeia a sua obra de Gramática Histórica, apesar de na introdução esclarecer que alguns autores acharem imprópria essa denominação. Entretanto, Coutinho (1972, p. 13) define o amplo objeto que ela possui, conceituando que “Gramática Histórica é a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual”.

A língua e sua origem são pontos imprescindíveis nesse tipo de gramática, visto que Coutinho aponta que seu objeto é mais amplo. Para o gramático, enquanto a gramática expositiva ou descritiva se preocupa com a língua em seu estado atual, a histórica recorre às origens, ao passado, ao seu período de formação. Todavia, afirma podem estabelecer relações, pois uma complementa a outra.

Essa análise histórica serve para explicar as transformações pelas quais essa língua passou, por meio de sua evolução no espaço e no tempo. A esse respeito o autor complementa:

Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. A constância e a regularidade, que se observam em tais transformações, permitiram ao gramático formular-lhes os princípios e leis. O estudo destes princípios e leis se faz na Gramática Histórica (COUTINHO, 1972, p. 13).

Coutinho divide a Gramática Histórica em Lexiologia e Sintaxe. A primeira forma estuda a palavra isoladamente e a segunda, a relação entre as palavras. Para essa abordagem, o autor utiliza o método comparativo, relacionando os fatos de uma língua com os análogos de outra família, para descobrir sua origem.

Quanto à ortografiada língua portuguesa, com o Renascimento, os romanos e gregos agregaram novos conhecimentos à nossa ortografia. Surgindo novas formas de escrever provenientes dessa junção linguística.

Escrever exigia do escritor um vasto conhecimento. Representar a língua falada por meio da escrita compreendia mais do que traços ou símbolos. Em nossa abordagem tratamos da ortografia e apenas alguns aspectos fonéticos para compreensão da mesma.

Um modismo toma conta da escrita, as palavras passaram a ser grafadas de acordo com o seu aspecto etimológico, possuindo um número maior de letras e escrever já não era uma tarefa muito simples e natural. As críticas à ortografia foram muitas, mas inevitavelmente, não tiveram sucesso em seu intento, conforme Coutinho (1972) afirma:

A moda vence em toda a linha. Os apêndices e arrebiques inúteis fazem parte integrante da arte de escrever. Debalde, no correr do tempo, arremetem contra ela ortógrafos esclarecidos, como Verney e Castilho. Não admira, pois, que, em vez de uma houvesse várias ortografias, dado que a etimologia, nessa época, era uma ciência que dependia, em grande parte, da fantasia de cada escritor (COUTINHO, 1972, p.71).

Esses elementos contribuíram para que a escrita fosse composta por enfeites gráficos e seguisse o pensamento lógico de quem as escrevia, como parte da arte de escrever. Consequentemente existiam várias ortografias vigentes num mesmo período.

Quando trata da história da ortografia, Coutinho (1972) a divide em três períodos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

O período fonético corresponde aos primeiros documentos escritos em português, a fase arcaica da língua, que perdura até o século XVI. Neste período, apesar da não uniformidade da escrita, havia uma preocupação em escrever aquilo que se falava, como se a expressão escrita e a falada do idioma fossem equivalentes.

A transcrição das palavras não era padronizada. Às vezes, num mesmo documento encontravam-se grafias diferentes. Inevitavelmente, surgiam formas não usuais como as vogais dobradas que diferiam em sua pronúncia, conforme aponta Coutinho (1972):

A língua era escrita para o ouvido. [...] O objetivo a que visavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor a impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada [...]. É verdade que a grafia, tradicional como é, não pode acompanhar muito de perto a evolução da língua oral, manifestando-se, no correr do tempo, dissídio, entre uma e outra. É assim que, a princípio, as vogais dobradas, resultantes da queda medial, eram escritas, porque se proferiam distintamente (COUTINHO, 1972 p.71-72).

A representação das vogais neste período era quase igual ao do português atual, isso porque temos algumas exceções, um recurso muito utilizado na língua portuguesa. Todavia, há alguns casos que diferem da grafia moderna: representação da vogal i, duplicação de vogais e representação da nasalação.

É o caso do “i” que possuía mais duas formas representativas “y e j” e quando era semivogal, ou seja, quando se juntava a uma vogal formando uma sílaba, podia ser substituído pelo “h”.

Quanto à duplicação das vogais, isso ocorria para indicar a formação de hiato, como em “maa<mala”, “seer<sedere” e também para indicar a vogal tônica da palavra, como “ceeo (céu) e dooe (dói) ”.

A nasalação das vogais era simbolizada de várias maneiras: por~ (til), por ‘‘ (dois acentos), por m e n, sendo que algumas vezes, as palavras eram grafadas sem nenhum sinal de nasalação. O m e n eram empregados aleatoriamente, um indicativo de que possuíam um mesmo valor fonético, ocasionando confusões na grafia, como em “omrra e senpre”.

As consoantes possuíam o mesmo valor que no português moderno e atual, porém a forma grafada, esteticamente, possui algumas diferenças que consideramos relevantes para entendermos a nossa língua. Coutinho (1972, p.75) restringe o uso das consoantes dobradas, que “em geral, só se dobravam consoantes quando tinham valores

diferentes das simples. Além do r e s, as outras que aparecem geminadas são f, l e m. Êste último só quando precedido de vogal nasal: emmendar, emmigo”.

Relacionando estes aspectos às ocorrências ortográficas constatadas no “*corpus*” da pesquisa, limitaremos nossa explanação a algumas consoantes, precisamente às seguintes: b, c, f, h e l.

A consoante “b” às vezes aparecia no lugar da letra “v” como em “aber” (haver), já a consoante “c” era empregada antes de “z” para indicar o som “ç” como em peczo “peço” e antes de “t” como nos casos outubro “outubro”. Empregavam-se algumas consoantes de forma geminada, tanto no meio da palavra quanto no final, como: fficar, ifferno, Ella.

Quanto à consoante “h”, possuía duas formas de representatividade, às vezes no início das palavras. Às vezes simplesmente omitia-se, não existia uma regulamentação. Quanto à sua função, era utilizado para separar as vogais quando formavam hiato, posicionando-se no meio da palavra como em “cahir, sahir”.

O período pseudoetimológico iniciou-se no século XVI e vai até 1904 e tem como marco o uso de consoantes geminadas originárias do grego como ph, ch, ps etc., assim como as letras y, k e w. Nesta fase da ortografia era essencial que preservasse as letras que deram origem à palavra.

Acerca da grafia nesse período, Coutinho (1972) menciona os critérios que norteiam essa ação:

O critério adotado pelos que seguem a grafia etimológica é respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, embora nenhuns valores fonéticos representem. Mau grado a influência do latim se faz sentir em nossa língua, em todo o decurso de sua história, é a partir do século XVI que ela se torna predominante(COUTINHO,1972, p.75).

O ato de escrever era algo espontâneo e havia muitas diferenças na escrita, ainda mais porque nesse período, outras letras foram incorporadas à ortografia portuguesa.

A partir dessa complexidade linguística, surgiu a necessidade de elaboração de regras, normas que norteassem a escrita. Isso se tornou real em 1574, quando Pêro de Magalhães de Gândavo escreveu o primeiro tratado denominado *Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa*.

Em 1576, Duarte Nunes do Leão publicou a *Ortografia da língua portuguesa* e no século XVII, Álvaro Ferreira de Vera a *Ortografia ou modo para escrever certo na língua portuguesa*, enfim, várias contribuições para a nossa língua.

Neste período, as palavras passaram por transformações regidas pela busca etimológica e muitos erros gráficos surgiram. Coutinho (1972, p.76) menciona esses equívocos definindo-os como verdadeiros disparates:

São inúmeros os disparates gráficos, decorrentes do uso da ortografia etimológica, a que não têm escapado os melhores escritores. Basta citar *sepulchro, chrytal, tesoura, theor, lyrio, cysne, systema, categoria, catecismo, author, autonomia, contricção, tradição, Hyppolitho, Collyseu, Thiago, Themudo, Ignez, fleugma, licção, enygma, ellypse, dacta, satyra, posthumo, inundar, querela, etc.* Saussure lavra a condenação da grafia etimológica, quando afirma: “Importa, porém, pouco que a aplicação do princípio seja ou não correta: é o próprio princípio da escritura etimológica que é errôneo”(COUTINHO, 1972, p.76).

Camões serviu de base para esse processo. Os escritores buscaram em suas obras a inspiração para incorporar à escrita algumas mudanças gráficas, como nas palavras digno e maligno.

Os pseudoetimologistas começaram a estudar a origem da palavra através do latim e do francês, gerando grandes confusões. Esta nova forma de escrever, esse “modismo”, chegou a ser considerado por alguns pesquisadores como um erro científico.

Desde o início os períodos da ortografia não eram uniformes. Mesmo passando por essas fases, cada uma lançava um modismo à escrita, tornando-a mais dificultosa. Primeiro se escrevia para ouvir, depois se buscava a origem da palavra para determinar a sua escrita, chegando ao caos de uma mesma época ser composta por várias formas escritas.

Coutinho (1972) afirma categoricamente, que nesse tempo cada autor possuía uma grafia própria e que nenhum escrevia como o outro:

Se, como afirmamos linhas atrás, nunca houve padrão uniforme de ortografia entre os nossos escritores, às vezes de uma mesma época, nos últimos tempos o mal agravou-se de tal maneira que cada autor possuía uma grafia própria. Assim, Garrett não escrevia como Herculano, nem Latino como Camilo. Não era possível que esse estado de coisas pudesse continuar. Impunha-se a necessidade de uma reforma (COUTINHO, 1972, p.77).

Em 1904, Gonçalves Viana, depois de estudar uma grande quantidade de vocábulos e as justificativas para os seus usos, estabelece alguns princípios que deveriam regularizar a escrita, simplificando-a, tornando-a mais acessível e compreensível.

Em seus princípios, apesar de ser foneticista, Viana criou um sistema que se orientava pela pronúncia, mas que agregava valores etimológicos e históricos à palavra. Um dos aspectos mudados foi a proibição de todos os símbolos etimológicos gregos, como *th, ph, ch, rhe y*, eliminou as consoantes nulas, aquelas que não influenciavam na pronúncia da vogal



precedente, como pacto (pato), reduziu as consoantes dobradas, preservando apenas os grupos *rress* e criou normas que regularizavam a acentuação gráfica.

O sistema criado por Gonçalves Viana impulsionou o governo português na formação de uma comissão composta por linguistas que estudassem esses princípios. Depois da conclusão desse trabalho, eles foram acatados pelos estudiosos e encaminhados ao Poder Executivo, que os determinou obrigatório, em todo território português por meio de Portaria em 1º de setembro de 1911, nomeando-o de Sistema Simplificado Português, dando início ao período simplificado da língua.

Essas regras colaboraram com a uniformidade gráfica. No entanto, não contemplavam aspectos regionais e culturais. Ou seja: não supria as peculiaridades linguísticas. Coutinho (1972, p.79) aponta essas diferenças decorrentes da reforma:

Procedera-se à reforma sem que os nossos linguistas fossem ouvidos ou chamados a colaborar. Resultou disso que ela atendia perfeitamente ao aspecto fonético da língua falada além-Atlântico, mas já não acontecia o mesmo com o português do Brasil (COUTINHO, 1972, p.79).

Diante dessa dificuldade, a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa organizaram um Acordo gráfico que o governo brasileiro tornou obrigatório em todo o território nacional.

Em 1912, a Academia Brasileira de Letras publicou a regulamentação de uma reforma cujo processo perdurava desde 1907, visando ampliar e esclarecer alguns pontos que estavam em desacordo, tornando o sistema mais harmônico e adequado às realidades do Brasil e Portugal. No entanto, esse reajuste criado por Silva Ramos só se consolidou em 1915, quando foi aprovado.

Mas havia algumas insatisfações por parte da academia brasileira, que revogou inexplicavelmente, em 1919, a reforma que fora aprovada pela mesma.

Depois de tantos protestos, um novo sistema gráfico foi criado em 1929, mas como os anteriores, apresentava algumas regras que não eram aceitas, pois desrespeitavam a etimologia.

É notável que escrever se tornava cada vez mais difícil, e quem se dedicava a essa tarefa, como os jornalistas, escritores, literatos, acabava escrevendo a seu modo. Os acordos e reformas criados para regulamentar a escrita tornavam-na complexa. Com o objetivo de solucionar esses problemas, em junho de 1931, o então presidente Fernando Magalhães tornou oficial em todo o território brasileiro um novo acordo.

O problema ainda não fora solucionado totalmente, pois havia dúvidas em relação à acentuação das palavras, sendo que para saná-las, fora divulgado o Decreto-lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938, sancionado pelo presidente Getúlio Vargas que fixava novas regras que as regulamentavam.

A instabilidade acompanhava os acordos que tinham pouca duração, pois outros foram elaborados pelos dois países. E a almejada unificação, não se concretizava, tornando-se evidentes as particularidades da língua nos dois países.

### **3.3 A Ortografia por Celso Ferreira da Cunha: Gramática de Base**

Em linguística no Brasil, não poderíamos deixar de incluir a relevante contribuição de Celso Cunha à língua portuguesa no Brasil e a esse trabalho científico.

O gramático, professor, filólogo e ensaísta, nasceu no dia 10 de maio de 1917, em Teófilo Otoni, estado de Minas Gerais, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1989. Filho do professor e político mineiro, Tristão da Cunha, iniciou sua formação no Colégio Anglo-Brasileiro, no Rio de Janeiro, pois em 1921, sua família mudara para a referida cidade.

Bacharelou-se em direito (1938) e licenciou-se em Letras (1940), na antiga Universidade do Distrito Federal, onde teve como professores filólogos renomados, tanto no Brasil como na Europa. Em 1947, conquistou o título de Doutor em Letras e Livre Docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Como filólogo, pesquisou a história da língua e seu desenvolvimento, que deram origem a trabalhos que tinham o português arcaico como objeto. Nessa busca pela origem e também pela evolução da língua, dedicou-se aos estudos dos cancioneiros, vindo a escrever sobre a linguagem quinhentista e a modalidade brasileira do português.

Exerceu o cargo de professor no Colégio D. Pedro II e na Faculdade de Filosofia e escreveu inúmeras gramáticas, iniciadas pelo *Manual de português*, publicado em 1965, que foi várias vezes reeditado.

Vale ressaltar, entre as suas obras, a edição da *Gramática do português contemporâneo* (1966), a *Gramática moderna e a Gramática da língua portuguesa* (1972). E por último, a *Nova Gramática do português contemporâneo*, escrita juntamente com Luís Filipe Lindley Cintra, da Universidade de Lisboa.

Outra vertente relevante é a sua contribuição por meio de ensaios sobre a língua portuguesa e a realidade brasileira. As abordagens acerca do idioma, da norma culta, da conservação e da inovação do português no Brasil, enfim, da língua, da nação, sempre fizeram parte de suas reflexões.

Além de exercer o magistério e da escrita de suas obras, Celso Cunha ocupou funções públicas importantes. Dirigiu a Biblioteca Nacional por quatro anos, foi Secretário Geral de Educação e Cultura do Governo Provisório do Estado da Guanabara, membro do Conselho Federal de Educação, coordenador geral do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Linguística Culta (NURC), coordenador do Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro etc.

Sua carreira e grande dedicação, culminaram em sua eleição, pela Academia Brasileira de Letras, como quarto ocupante da cadeira 35, em 13 de agosto de 1987.

Nessa pesquisa, será utilizada uma gramática do referido autor. Sendo assim, é fundamental que apresentemos as considerações do autor, acerca da classificação, da finalidade e de seu público-alvo:

Em fins de 1972, a Fundação Nacional de Material Escolar publicava a nossa *Gramática da Língua Portuguesa*, redigida com a finalidade principal de tornar-se um útil instrumento didático em mãos dos alunos da Escola Média e daqueles que, não tendo podido fazer estudos regulares, desejam adquirir um maior domínio dos recursos do idioma. À generosidade dos colegas ficamos devendo ter ela alcançado também o ensino superior, especialmente o ciclo básico de nossas Faculdades de Letras (CUNHA, 1982, p.06).

Ele apresenta em sua obra os principais traços da modalidade culta do português contemporâneo, ou seja, a língua utilizada pelos escritores brasileiros e portugueses desde o Romantismo. No entanto, Cunha faz uma ressalva, afirmando que preferiu nesta obra, ater-se a exemplificação em escritores falecidos.

A ortografia é abordada no quarto capítulo da obra, sendo que é introduzida por meio de orientações acerca das letras e do alfabeto que faz alusão as seguintes letras: k, w e y.

Quanto ao uso das letras que compõem o alfabeto da língua portuguesa, apenas explana sobre o emprego do “h” que segundo suas definições, foneticamente não corresponde a nenhum som. Os traços etimológicos continuam sendo abordados, visto que essa letra pode ser usada no início de certas palavras que a possuem originalmente.

A letra “h” integra também os dígrafos, nomenclatura que não foi citada pelos outros gramáticos anteriormente, e o seu emprego está presente no ch (chave), lh (talho) e

nh(banho). Há ocorrências no final de interjeições e no interior de palavras compostas em que o segundo elemento, iniciado por h, se une ao primeiro por meio do hífen: Ah!,super-homem.

Os sinais auxiliares ou acessórios da escrita, que indicam a pronúncia exata da palavra são mencionados nas notações léxicas, parte integrante da ortografia.

Dentre os acentos, Cunha (1982) cita o agudo, o grave e o circunflexo. O agudo é empregado para marcar as vogais tônicas “a, i e u”, sendo os exemplos contemplam palavras monossílabas, oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas: cá, baú, durável, sofrível, açúcar, pássaro, místico, lúgubre.

As vogais tônicas abertas também recebem o acento agudo, como em pé, pó, heróico, hóspede, quiséssemos.

O acento grave é empregado para indicar a crase da preposição a com a forma feminina do artigo a, as,e com os pronomes demonstrativos a (s), aquele (s), aquela (s), aquilo: à, às, àquele, àquela.

O timbre fechado das vogais tônicas “e, o,a” seguido de “m ou n” é formado através do acento circunflexo: mês, avô, câmara, trêmulo, abdômen, hispânico.

Quanto às consoantes e sua normatização, Cunha (1982) não faz nenhum comentário. Detém-se apenas nas regras para o uso e valor do “h” que se diferencia das demais por não representar som próprio.

#### 4 – ANÁLISE GRAMATICAL DESCRITIVA DAS OCORRÊNCIAS ORTOGRÁFICAS CONSTATADAS NA AGENDA PESSOAL DE MOURA ANDRADE

O *corpus* do trabalho se compõe de um documento pessoal. Especificadamente, uma agenda do ano de 1939, que atualmente pertence à família de Antonio Joaquim de Moura Andrade de saudosa memória. Constitui-se sequencialmente de calendário “simples” que não aponta feriados nacionais, regulamento para classificação, venda, compra de algodão e café ilustrados por tabelas de classificação de produtos, de câmbio, de tarifas de correio conforme o tipo de postagem, inclusive nacional e internacional. Apresenta também informações sobre o imposto cobrado em vendas e consignações com base em lei específica para possível consulta, e em cada início de mês expõe o imposto que deve ser pago.

No final do documento, algumas páginas se destinam a controle de caixa (valor recebido e pago), anotações de endereços, tabela de juros cobrados ao ano, observações, telefones, indicador de ruas da cidade de São Paulo organizado em ordem alfabética, e, por fim, na última página, um calendário do ano vindouro (1940).

Externamente este documento histórico apresenta tamanho médio, com capa dura na cor verde escuro, contendo, na parte superior, em letras maiúsculas, o vocábulo agenda. Logo abaixo, dessa mesma forma, a palavra “Riachuelo”.

A descrição substancial sobre o que compõe o *corpus* utilizado na pesquisa, notoriamente, como informa a capa “agenda”, que, conforme Holanda, no Dicionário de Língua Portuguesa compreende-se como uma caderneta ou registro para anotações de compromissos ou encontros. No entanto, a análise do manuscrito revela que este suporte foi utilizado também como um diário pessoal, onde se registrava fatos ou eventos do dia, seguindo uma ordem cronológica, que em sua maioria faz referência a um acontecimento, por meio de formas verbais que demonstram episódios do presente ou do passado, conforme relata, entre outros, os manuscritos das seguintes datas:

**Sexta, Setembro 1, 1939.**

Guerra!...

Hoje a Alemanha invadiu a Polónia que resistiu e começaram-se os combates.

(AGENDA, 1939).

Moura Andrade se refere ao que acontecia naquele dia marcado pela palavra “hoje”.

**Domingo, Julho 9, 1939.**

Ainda na Fazenda Sucury. De manhã fomos de avião ao Rio Ivinhema tendo sobrevoado toda a região até as margens do Rio Paraná. Descemos pela primeira vez no nosso campo da Fazenda “Santa Barbara”. Voamos cerca de 3 horas sobre uma vasta floresta e rios magestosos como o Vaccaria, Brilhante, Dourado, Ivinhema, etc...(AGENDA, 1939).

Moura Andrade relata os acontecimentos, informando os lugares que esteve nesta data.

**Sabbado, Agosto 12, 1939.**

Fiquei em S. Paulo. De manhã fui ao Campo de Marte onde fiz um voo no “Pelicano”. As 10 horas fui dar um depoimento na acção que Theodor Wille move a José Pardo e Fabriciano Junccal sobre terras na Fazenda Barra do Tietê. Estive no escriptorio e depois do almoço tornei a ir ao Campo. Á noite estive em casa de Mamãe. Octavio foi a S. Pedro no Candron, com Bernardo (AGENDA, 1939).

Moura Andrade relata os seus feitos seguindo uma ordem temporal, marcada pelas palavras “manhã”, “almoço” e “noite”. Além disso, utiliza as formas verbais “fiquei”, “fiz”, “fui”, “tornei” e “estive” expressando acontecimentos realizados no tempo passado.

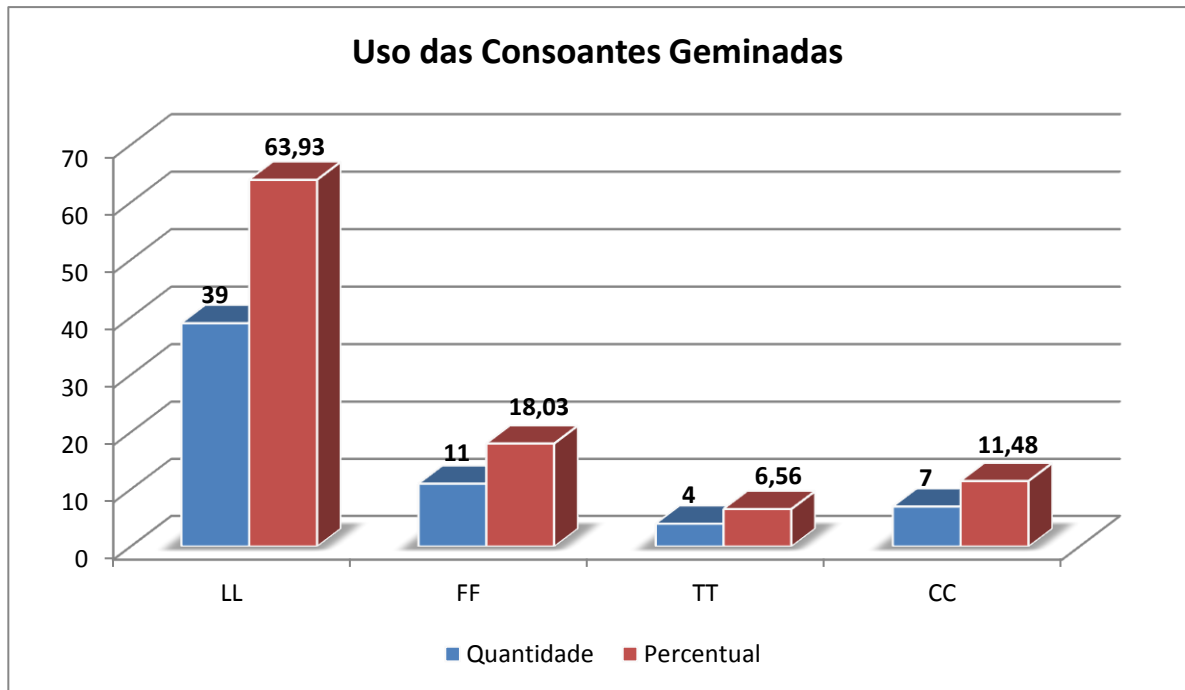
A realização da análise teve como objetivo principal verificar as ocorrências ortográficas. Entretanto, é visível nos manuscritos a arte de caligrafar de Moura Andrade, um relevante aspecto, devido à linda letra que possuía, visto que nesse período utilizava-se caneta-tinteiro.

Em relação à análise, do total de 408 ocorrências ortográficas, dividimo-las do seguinte modo: uso das consoantes geminadas, uso dos encontros consonantais, indicadores de nasalação e sílaba tônica e uso do *y* e do *h*.

Dessa forma, inicialmente apresentamos as ocorrências e, a seguir, tratamos da aproximação e /ou distanciamento teórico entre os gramáticos em questão.

O gráfico abaixo apresenta o primeiro tema relatado.

Gráfico 01 – Uso das Consoantes Geminadas



Os dados apontados no primeiro gráfico revelam um grande percentual do uso das consoantes geminadas, principalmente da ocorrência “ll” que se opõe, quantitativamente, ao uso do “tt”.

#### AS GEMINADAS CC/ FF/TT/LL:

p.303 – Segunda, Outubro 30, 1939.

Muita **secca**.

p. 304 – Terça, Outubro 31, 1939.

Muita **secca**.

p.305 – Quarta, Novembro 1, 1939.

**Secca**.

Muitas jaboticabas e grande **sêcca**!

p.10 – Terça, Janeiro 10, 1939.

[...] em seguida ido a Santos [...] com o Pedro, assistir ao almoço **offerecido** pelo Comércio de Santos[...]

p.121- Segunda, Maio 1, 1939.

[...] incorporamos no Rio a outros aviões e fomos pernoitar em Victoria onde á noite foi **offerecido** um jantar pelo Interventor do Estado do Espírito Santo.

p. 159 – Quinta, Junho 8, 1939.

[...] tendo **offerecido** um almoço neste club ao Dr. Trajano dos Reis e outros componentes da “Revoada a Sorocabana”.

p. 174 – Sexta, Junho 23, 1939.

[...] fiz um treino no Santa Maria e depois fui a Santos com um **official** para retirar o motor [...]

p. 192 – Terça, Julho 11, 1939.

Fiquei em S. Paulo para ir ao almoço que os Diarios Associados **offerecem** ao Berent Frieli.  
 p.11 – Quarta, Janeiro 11, 1939.  
 Pedro seguiu para **Matto** Grosso, tendo levado Olavo Ferraz até Garça.  
 p.18 – Quarta, Janeiro 18, 1939.  
 Me levantei já bem melhor, porém, o medico não **permittio** que sahisse de casa.  
 p.318 – Terça, Novembro 14, 1939.  
 Amanhã seguirei se o tempo **permittir** , para Guanabara com Zizi...  
 p.334 – Quinta, Novembro 30, 1939.  
 Sahimos do **Matto**as 12 horas e logo após o almoço vim para S. Paulo onde cheguei as 16 horas.  
 p. 310 – Segunda, Novembro 6, 1939.  
 Ficamos na Fazenda Guanabara, tendo saído **cavallo** e corrido parte da Fazenda.  
 À tarde tornei a sahir a **cavallo** com Deodato.  
 p.311 – Terça, Novembro 7, 1939.  
 Depois do almoço fomos de automóvel a Andradina, onde fiquei ate a noite atendendo o expediente dos nossos negócios **naquella** cidade.  
 p. 320 – Quinta, Novembro 16, 1939.  
 Apenas pudemos dar um pequena volta á **cavallo** na Fazenda.  
 p.323 – Domingo, Novembro 19, 1939.  
 O dia amanheceu muito bonito, porém durante todo **elle** fez um calor muito intenso.  
 (AGENDA, 1939)

As ocorrências acima contradizem a primeira regra ortográfica definida por Pereira (1941), na qual esclarece que “não se duplicam consoantes” e que em vez de *sabbado*, *effeito*, *bello*, escreve-se *sábado*, *efeito* e *acusar*. No entanto, o próprio autor (PEREIRA, 1941, p. 52) ao explanar sobre o sistema etimológico, admite que essa grafia pode ser usada devido à origem da palavra, pois “procura aproximar, quanto possível, a forma gráfica atual da forma gráfica original: p. ex.: *afflicto*, *acção*, *gymnasio*, *acto*, *hábil*, *phthisica*, *inceptar*, *exemplo*, *schisma*, *mactar*”.

O grupo “*cc*” é mencionado por Pereira (1941) e constitui uma exceção à regra específica às letras dobradas. Justifica-se o seu uso quando soam distintamente, ou seja, quando apresentarem sons diferentes são admitidas.

Coutinho (1972, p.72) faz referência ao uso das consoantes dobradas no período etimológico, esclarecendo que “o que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras”.

Já a consoante “*l*” de acordo com a *Gramática Histórica* de Coutinho (1972), é comum ser usada de forma geminada no meio ou no final da palavra. Quando usada no final, isso ocorria devido à influência do latim, e quando aparece entre duas vogais como no vocábulo *cavallo*, isso se deve às influências do castelhano.

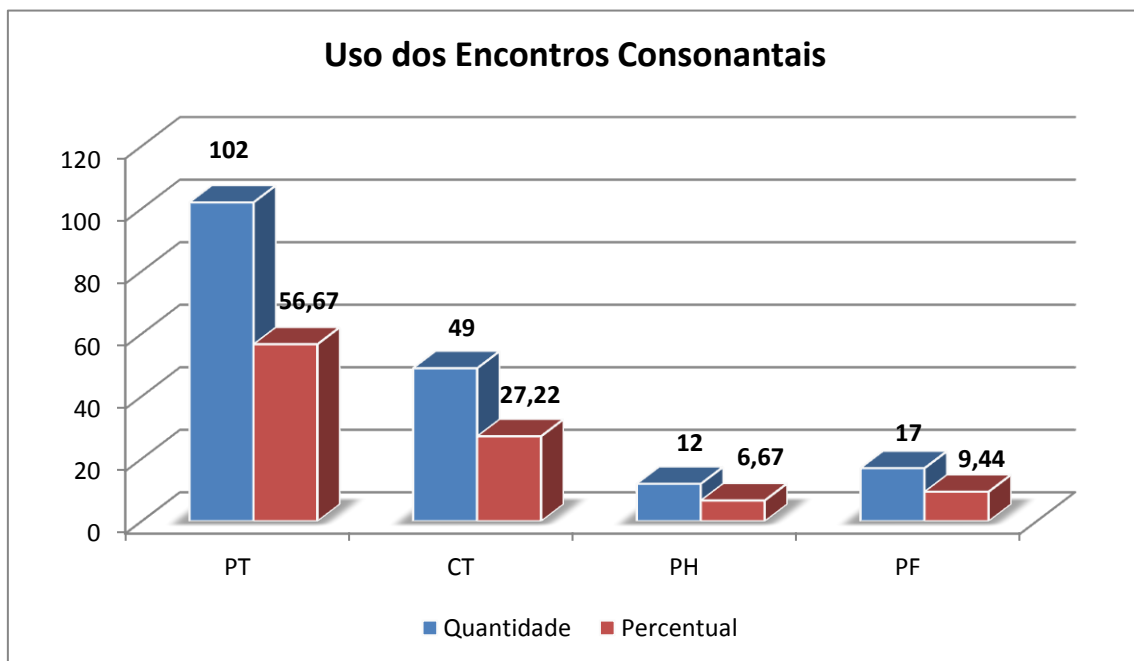
Sobre essa origem, Coutinho (1972, p. 74) pontua que “à maneira do castelhano, empregava-se o *l* geminado entre as vogais, para indicar som palatal molhado: *vallam* = *valham*. A princípio, era este som representado por *li*: *filia* = *filha*. O pronome *lhe* aparece sob a forma *li*, que ainda hoje é usada dialetalmente. O *lh* é de origem provençal”.



Quanto ao uso do f, Coutinho (1972, p. 73) afirma que “usava-se dobrado no início e no interior dos vocábulos: *fficar* = *ficar*, *ffreima* = *freima*. *Emiffante*, *ifferno*, por *infante*, *inferno*, diz Huber ter havido assimilação do *n* ao *f*”.

Cunha (1982) não faz apontamentos, sobre essa abordagem. Portanto, quanto ao uso das consoantes geminadas presenciadas nos manuscritos de Moura Andrade, podemos reconhecê-las como vestígios do período pseudoetimológico.

Gráfico 02 – Uso dos Encontros Consonantais



O segundo gráfico expõe o uso dos encontros consonantais, sendo que dentre as ocorrências, os encontros “PT” se destacam dos demais, alcançando o maior percentual.

### AS CONSOANTES CT:

p.01 – Domingo, Janeiro 1, 1939.

**Octavio** foi a Guanabara assistir as solenidades da fundação de Andradina como Comarca e Município.

p.45 – Terça, Fevereiro 14, 1939.

[...] assistir a festa da posseda Nova **Directoria** do Centro Academico.

p.104 – Sexta, Abril 14, 1939.

**Octavio** foi com o Consul Norte Americano e Senhora para a Fazenda Guanabara.

p. 149 – Segunda, Maio 29, 1939.

Á noite em S. Paulo, recebi a visita de Felicio José e do Dr. Roberto do Monte, clínico que pretendemos **contractar** para S. Pedro.

p.196 – Sabbado, Julho 15, 1939.

Fui ao Rio assistir a abertura da 8ª. Exposição de animais e **productos** derivados. (AGENDA,1939)

Essas ocorrências distanciam-se do parecer de Pereira (1941) que sobre o uso das consoantes mudas expõe que nenhuma palavra deve ser escrita com consoante que não se pronuncia. No entanto, esclarece que, nas palavras em que as letras desses encontros soarem distintamente como recepção, caracteres, optar, entre outros, não haverá alteração na escrita.

Coutinho (1972, p.73) aponta que “ainda por influxo do latim, é que se explica o seu uso antes de t, quando aí se vocalizara: *derecto* = *dereito*, *octubro* = *outubro*”. Enquanto que Cunha (1982), não menciona essa ocorrência na ortografia.

### AS CONSOANTES *PT*:

p.28 – Sabbado, Janeiro 28, 1939.

Fizemos **ótima** viagem.

p.102 – Quarta, Abril 12, 1939.

Tratei de outros **assumptos** no Rio.

p.151 – Quarta, Maio 31, 1939.

Aniversario de Zizi e **baptismo** do nosso netinho Nelson.

p. 199 – Terça, Julho 18, 1939.

**Optima** viagem.

Aqui em S. Paulo recebi **escriptura** das terras que compramos do Dr. Elyseo...

p.225 – Domingo, Agosto 13, 1939.

Em S. Pedro dei um vôo com meu tio José Luciano de Andrade (**baptismo** do ar) e seu filho Irineu. (AGENDA,1939)

Pereira (1941, p.53) afirma que “nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que nela se não pronuncie”. Ainda sobre esse aspecto complementa:

Assim, escrever-se-á: autor, sinal, adesão, aluno, salmo, e não: *auctor*, *signal*, *adhesão*, *alumno*, *psalmo*; mas nenhuma alteração se fará na grafia das palavras -- *abdicar*, *acne*, *gnomo*, *recepção*, *caracteres*, *optar*, *egípcio*, *egipciaco*, *egiptólogo*, *espectador*, *espectativa*, *mnemônica* e outras em que as letras *bd*, *cn*, *gn*, *pç*, *ct*, *pt*, *pc*, *mn*, soam separada e distintamente. (PEREIRA, 1941, p.53)

Coutinho (1972, p.74) não explana especificamente a respeito do uso dessa combinação de consoantes. No entanto, ao explanar acerca das consoantes que apresentam uma grafia diferente no português moderno, esclarece que a consoante *p*, por “influência do latim tardio, aparece às vezes entre vogal nasal e n, sem significação fonética”.

Cunha (1982, p.36) aponta que os “encontros consonantais como *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos”.

## AS CONSOANTES *PH*:

p.75 – Quinta, Março 16, 1939.

Fui considerado apto **physicamente**, Pressão arterial, 13,9.

p.129 – Terça, Maio 9, 1939.

... visitei o Major Lutz, fui ao **orphanato** Divina Providencia...

p. 137 – Terça, Junho 6, 1939.

Fui a Santos de automóvel com Zizi **paraninphar** o casamento de Maria do Carmo Morel.

p. 164 – Terça, Junho 13, 1939.

A noite estive no Campos Elyseos e tirei umas **photographias**.

p. 170 - Terça, Junho 30, 1939.

À noite o Dr. Vidigal esteve em casa assentando o nosso radio “**Philco**” que importamos dos Estados Unidos. (AGENDA, 1939)

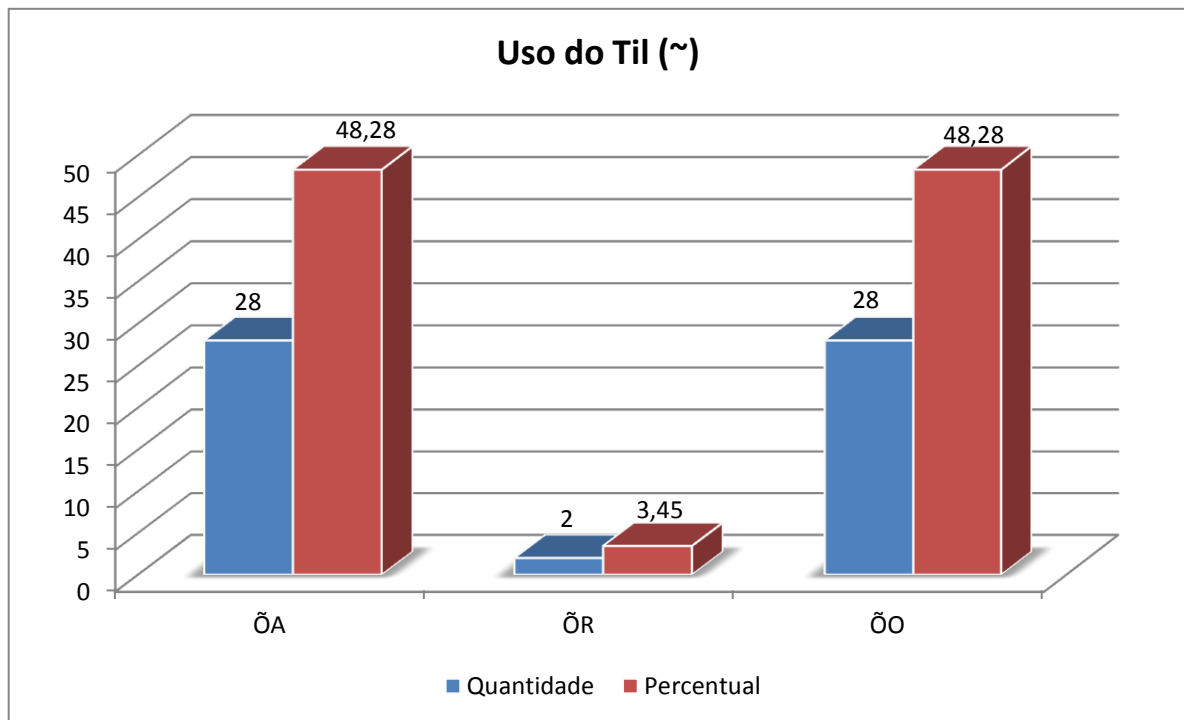
Pereira (1941) estabelece que toda consoante que não é pronunciada não deve ser escrita e que se suprime o *h* dos grupos “*ph, rh, th*”. Sobre esses diagramas explica:

São proscritos os grupos *ch* (duro), *ph, rh, th*, que ficam assim substituídos: a) – o *ch* por *qu* antes de *eei* – *traquéia, querubim, químera, química*; e por *c* nos outros casos – *caldeu, caos, corografia, catecúmeno, cromo, Cristo, cloro*, e não *trachéa, cherubim, caldeu, chãos*, etc. b) -- os diagramas *ph, rh, th*, respectivamente por *f, r, t* – *filosofia, fósforo, retórica, reumatismo, tesouro, ortografia* e não *philosophia, phosphoro, rhetorica*, etc. (PEREIRA, 1941, p. 56)

Porém, os apontamentos de Coutinho (1972, p.78) reconhecem o uso do “*ph*” como uma herança etimológica, classificando os grupos *theph* como “símbolos de etimologia grega”.

Verifica-se um distanciamento entre as abordagens de Pereira e Coutinho. Ressaltamos que não identificamos apontamentos a esse respeito na gramática de Celso Cunha (1982).

Gráfico 03 – Uso do Til (~)



O terceiro gráfico revela o uso do sinal gráfico (~) como indicador de nasalização, sendo que notadamente houve uma equiparação entre duas ocorrências.

### USO DO TIL (~):

p. 07 – Sabbado, Janeiro 7, 1939.  
 Fizemos **bõa** viagem.  
 p. 12 – Quinta, Janeiro 12, 1939.  
 Depois fui ao escriptorio atendendo diversas **peSSõas**...  
 p.57 – Domingo, Fevereiro 26, 1939.  
 Cheguei aqui com chuva, porém, fiz **bõa** viagem.  
 p.70 – Sabbado, Março 11, 1939.  
 De manhã fomos a Itapura, Urubupungá e Tres **Lagõas**.  
 p. 76 – Sexta, Março 17, 1939.  
 Fizemos **bõa** viagem. (AGENDA,1939)

O uso do (~) nessas ocorrências é referente à junção de duas vogais. Portanto, ressaltamos que Pereira (1941), ao discorrer sobre o sinal gráfico em análise, adverte que o mesmo tem valor de sinal tônico se o vocábulo não apresentar outro sinal.

Coutinho aponta esse sinal para indicar a nasalidade das vogais, abordagem que se aproxima de Cunha (1982) que menciona que esse sinal gráfico é empregado sobre as vogais *o, a, e o, o* para indicar a nasalidade, como em: *mãe, pão, irmã, caixões, põe, sermões*.

## A VOGAL MÉDIA POSTERIOR NASALISADA [ õ ] DIANTE DE UMA CONSOANTE:

p.05- Quinta, Janeiro 5, 1939.  
Muito **calôr** com alguma chuva durante o dia.  
p.47 – Quinta, Fevereiro 16, 1939.  
Muito **calôr**. (AGENDA,1939)

O uso do (~) nessas ocorrências seu uso é referente a junção da vogal *o* com a consoante *r*. Esta ocorrência não é contemplada especificamente por nenhum dos gramáticos utilizados nesse estudo, nesse caso, valho-me das considerações de Coutinho (1941, p.73) “ não é sem exemplo encontrarem-se vocábulos que contenham vogal nasal, sem o sinal de nasalação”. Deste modo é provável que essas ocorrências revelam o uso costumeiro do sinal de nasalação junto as vogais.

## O “O” ACRESCIDO DO SINAL GRÁFICO (~) JUNTO A VOGAL O (ÕO):

p. 21 – Sabbado, Janeiro 21, 1939.  
Fiz diversos **võos** de passeio com a Família do Dr. Olavo Ferraz.  
p.26 – Quinta, Janeiro 26, 1939.  
Fiquei em S. Pedro, tendo feito diversos **võos** de passeio.  
p.56 – Sabbado, Fevereiro 25, 1939.  
“Santa Maria” **võo** hoje após a revisão.  
p.67- Quarta, Março 8, 1939.  
Fui ao Campo de Marte fazer um **võo**.  
p.98 – Sabbado, Abril 8, 1939.  
De manhã fomos ao Campo de Marte, onde voei com Dr. Brigadão e Genaro Gagliote (primeiro **võo**). (AGENDA,1939)

O uso do (~) nessas ocorrências seu uso é referente a junção de duas vogais iguais. Pereira (1941, p.70) esclarece que a vogal “*o*” tônica fechada seguida de *o* ou *os* deve receber o acento circunflexo, regra que não justifica esses casos, visto que não foi usado o referido acento. Portanto, ressaltamos que o mesmo gramático ao discorrer sobre o sinal gráfico em análise, adverte que o mesmo tem valor de sinal tônico se o vocábulo não apresentar outro sinal.

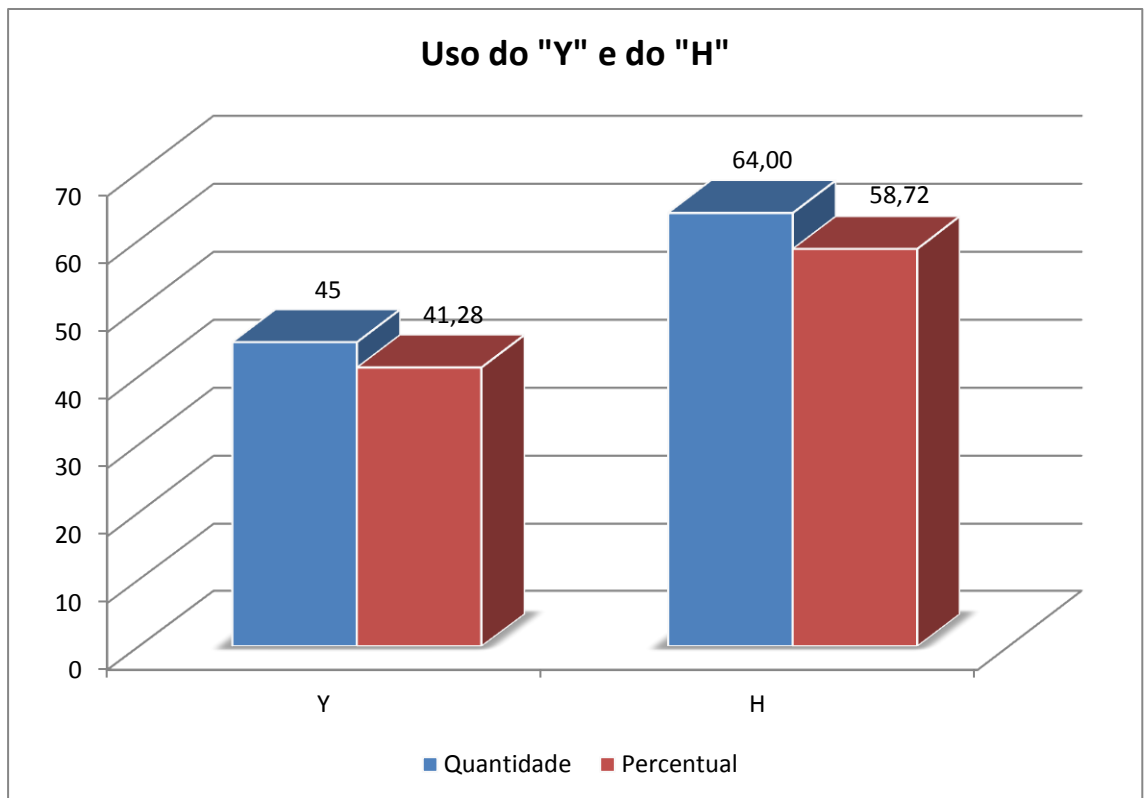
Coutinho aponta esse sinal para indicar a nasalidade das vogais, porém não apresenta especificações.

Há uma aproximação teórica entre Pereira e Cunha, visto que este último, acerca dessas ocorrências, faz duas observações, uma para indicar tonicidade e a outra, nasalação:

Recebe acento circunflexo o penúltimo o fechado do hiato oo, seguido ou não, de s, nas palavras paroxítonas: abençoô, enjôos, perdôo, vôos. Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura na palavra:afã, capitães, coração, devoções, põem. (CUNHA, 1982, p.50).

Essas abordagens apresentam pontos semelhantes e contraditórios, principalmente pelo fato do acento gráfico ser usado nas ocorrências. Sendo assim, apoiamos nas considerações de Coutinho (1972) que “não é exemplo encontrarem-se vocábulos que contenham vogal nasal, sem o sinal de nasalização”, que relacionamos também à troca de sinais.

Gráfico 04 – Uso do Y e do H



O gráfico mostra o uso de duas letras, sendo que o y tem menor percentual.

## A LETRA “Y” REPRESENTANDO A VOGAL “I”:

p.168 – Sabbado, Junho 17, 1939.

Fui com o Consul e Consulesa Norte Americano para a Fazenda **Guarany** passando por São Pedro onde descemos e entrou Octavio.

p.189 – Sabbado, Julho 8, 1939.

Ficamos na Fazenda **Sucury**.

p.28 – Sabbado, Janeiro 28, 1939.

Em Bebedouro fiz diversos passeios e depois do almoço na Faz. **Guarany...**

p.47 – Quinta, Fevereiro 16, 1939.

O mercado de café em Santos foi como nestes últimos dias, muito **paralysado**.

p.67 – Quarta, Março 8, 1939.

Em Santos o mercado esteve muito **paralysado**. (AGENDA, 1939)

Pereira (1941) que ao se referir ao emprego do y esclarece que essa letra foi substituída por *i* nas palavras portuguesas ou aportuguesadas. Já Coutinho (1972, p.72) em sua abordagem acerca das vogais no período pseudoetimológico, afirma que “o que caracteriza este período é emprego de letras como o y, k e w, sempre que ocorriam nas palavras originárias.”

Cunha quando se refere às letras do alfabeto, ressalva que “além dessas, há as letras k, w e y, que hoje só se empregam em dois casos: a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses (...) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional”.

Percebemos que as ocorrências diferem de Pereira, mas aproximam-se da abordagem de Coutinho.

## USO DO H NA FORMA VERBAL “SAHIR”:

p.17 – Terça, Janeiro 17, 1939.

Não **sahi** de casa.

p.82 – Quinta, Março 23, 1939.

As 16 horas fiz exame de aviador no C. Marte perante a comissão de examinadores, tendo sido aprovado. Me **sahi** muito bem.

p.123 – Quarta, Maio 3, 1939.

Ouvimos missa em Porto Seguro e **sahimos** depois do almoço, rumo a Bahia.

p. 127 – Domingo, Maio 7, 1939.

**Sahimos** da Bahia, tendo descido em Caravellas onde almoçamos...

p. 128 – Segunda, Maio 8, 1939.

**Sahimos** de Campos (Fazenda da Pedra), as 9 horas descemos no Rio...(AGENDA,1939)

Pereira (1941) quando conceitua sons e letras, apresenta o “h” como letra consoante, porém em nota esclarece sobre sua utilidade linguística:

O h não representa por si só som oral nenhum, não é, rigorosamente falando, uma letra; porém já tem seu lugar tradicional no alfabeto. Serve: a) para formar as letras compostas ou diagramas (nh e lh), b) para indicar leve aspiração nas interjeições \_\_ oh! ah! há,há!, e c) para notação etimológica, como em homem. (PEREIRA,1941, p.24)

Diferentemente do que Pereira (1941) aborda, a letra “h” nestas transcrições não está junto a uma consoante, mas a uma vogal. Essa ocorrência ortográfica é justificada por Coutinho (1972) de acordo com a posição que exerce na palavra, ou seja: no início ou no meio. Quanto à primeira forma, explicaque “aparece representado no início das palavras de conformidade com a origem latina” e também no meio delas, separando as vogais em hiato, um traço etimológico.

Coutinho (1972) e Pereira (1941) diferem entre si, pois este último ao explicar sobre o emprego do *h* no meio do vocábulo como nos exemplos acima, deixa evidente a sua proscrição, pois não configura etimologia e nem prefixo.

Para finalizar, Cunha (1982) não menciona o uso do h como foi utilizado nas ocorrências, apenas justifica o seu emprego quando a palavra o possui originalmente, no final de interjeições, no interior de palavras compostas e nos dígrafos.Sendo assim, acreditamos que Moura o tenha usado de acordo com a etimologia, aproximando-se das considerações de Coutinho.



## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi proposto, esta pesquisa visa um estudo sócio histórica da língua, observando a sua estrutura responsável por situá-la num determinado período. Para compreender como se forma essa expressão linguística, recorreremos aos princípios norteadores de Konrad Koerner e aos documentos históricos que formam o “*corpus*” desse estudo.

Por meio das análises embasadas pelos gramáticos foi possível situar as expressões e as ocorrências ortográficas em cada período da língua portuguesa.

Moura Andrade, através de seus manuscritos nos concedeu grande colaboração, pois a cada leitura buscava-se a análise. Poder partilhar de seus momentos históricos foi gratificante, entre os quais, destacamos a narrativa sobre a Guerra Mundial e as consequências desse ato no cotidiano do povo brasileiro e nos negócios, as contribuições que teve na fundação de cidades como Nova Andradina (MS), Três Lagoas (MS), São Pedro (SP) e Andradina (SP). Um desbravador que junto às autoridades brasileiras, construiu cidades, rodovias, ferrovias e descobriu o que parece ser o grande entusiasmo de sua vida, a aviação.

Apesar de narrar outros acontecimentos, o fundador destina a maior parte aos seus feitos como aviador, narrando momentos tristes como os desastres, momentos felizes como o “batismo do ar”, quando levava a bordo pessoas que pela primeira vez voavam, batismo do avião quando ia fazer seu primeiro voo, destinos e previsão do tempo. Enfim, em cada dia, a alegria de voar se sobrepõe aos acontecimentos.

Nesta análise, fica evidente, que a língua não é estática, pois está em contínuas mudanças ou variações. O manuscrito revela uma escrita adequada àquele período “etimológico ou pseudoetimológico”, cuja forma já não corresponde ao período deste estudo, pois não se usa os grupos *ph*, *ct* e as letras *h* e *y* como no documento.

Atualmente (2014), não se utiliza mais na escrita essas ocorrências, que foram substituídas o “h” não é usado para separar hiato, entre outros casos. O que reitera o objetivo geral dessa pesquisa, que é estudar a escrita e compreender o seu estado, a sua construção.

Entre as gramáticas utilizadas, percebe-se um distanciamento, principalmente entre Pereira (1941) e Cunha (1982). É importante ressaltar que a edição de 1941, relativamente à ortografia, foi adaptada por Laudelino Freire, depois do primeiro acordo ortográfico. As mudanças ortográficas retratam épocas, pois estes autores expõem as regras da ortografia de modo diferente, visto que existem várias décadas entre os dois.

Os princípios de Konrad Koerner foram aplicados em cada etapa; e essas diretrizes foram fundamentais para construção e desenvolvimento do estudo. Desde a contextualização da língua, da disciplina no Brasil, da história de Nova Andradina, do seu fundador, até a finalização, por meio da adequação e da imanência, que garantiram o respaldo esperado.

As referências utilizadas como as gramáticas, os acordos ortográficos e os princípios da historiografia, mostram-nos que a língua e a história compartilham dos mesmos ideais, pois situam o homem no tempo por meio de sua expressão.

Em virtude disso, abordamos na agenda de Moura Andrade, apenas a ortografia, mas esclarecemos que o *corpus* tem base para outros segmentos da língua.

Como no estudo historiográfico, pode-se recorrer ao passado para entender o presente ou o próprio passado. A análise contextualizada tem o propósito de entender a língua no seu tempo, sem julgamentos, mas para entendermos seu o processo natural.

Portanto, entender a língua utilizada no passado ou no presente continua sendo de grande interesse das ciências humanas; e a historiografia, um campo atual, que possibilita o conhecimento da língua falada no Brasil, da nossa história.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, M. Eugenio. **A interdisciplinariedade na historiografia linguística**. Caderno do CNLF, vol. IX, n. 04. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/4/02.htm>>.

ALTMAN, C. **História, estória e historiografia da linguística brasileira**. *Todas as letras*, São Paulo, v.14, n.1, p.14-37, 2012.

\_\_\_\_\_. **Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil**. *Revista argentina de historiografia linguística*, vol. I, n. 2, 115-136, 2009.

BARROS, Valter Mangini. **Potencialidades sul-mato-grossenses**. 2. ed. Campo Grande: Oeste, 2008.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BASTOS, Neuza Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Orgs.). **História entrelaçada: A construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa no século XVI ao XIX**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). **História entrelaçada2: A construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do Século XX**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

CUNHA, Celso Ferreira da, **Gramática de Base**. 3. ed. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura/Fundação Nacional de Material Escolar, 1982.

\_\_\_\_\_. **Gramática da língua portuguesa**. 12. ed. 4. tir. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura/Fundação Nacional de Material Escolar (FAE), 1994.

\_\_\_\_\_; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, -----.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2. ed. 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FAUSTO, Boris. *A história do Brasil Colônia*. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publications/1402923728381.pdf>>. Acesso em: 08/08/2013.

GUTIERRES, Edison Aparecido. *Vida e contribuição educacional de Eduardo Carlos Pereira*. Seminário de Pesquisa de PPE, Universidade Estadual de Maringá, 27 e 28 de abril de 2010. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2010/017.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/017.pdf)>. Acesso em: jun/2014.

KOERNER, Konrad. **Questões que persistem em historiografia linguística**. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p.45-70, 1996.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1993.

NASCIMENTO, J. V. **Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística**. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *A historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Gramática Expositiva: Curso Elementar. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire*. 107. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1946.

\_\_\_\_\_. *Gramática Expositiva: Curso Superior*. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. 57. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1941.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad.: Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

#### **SITES PESQUISADOS:**

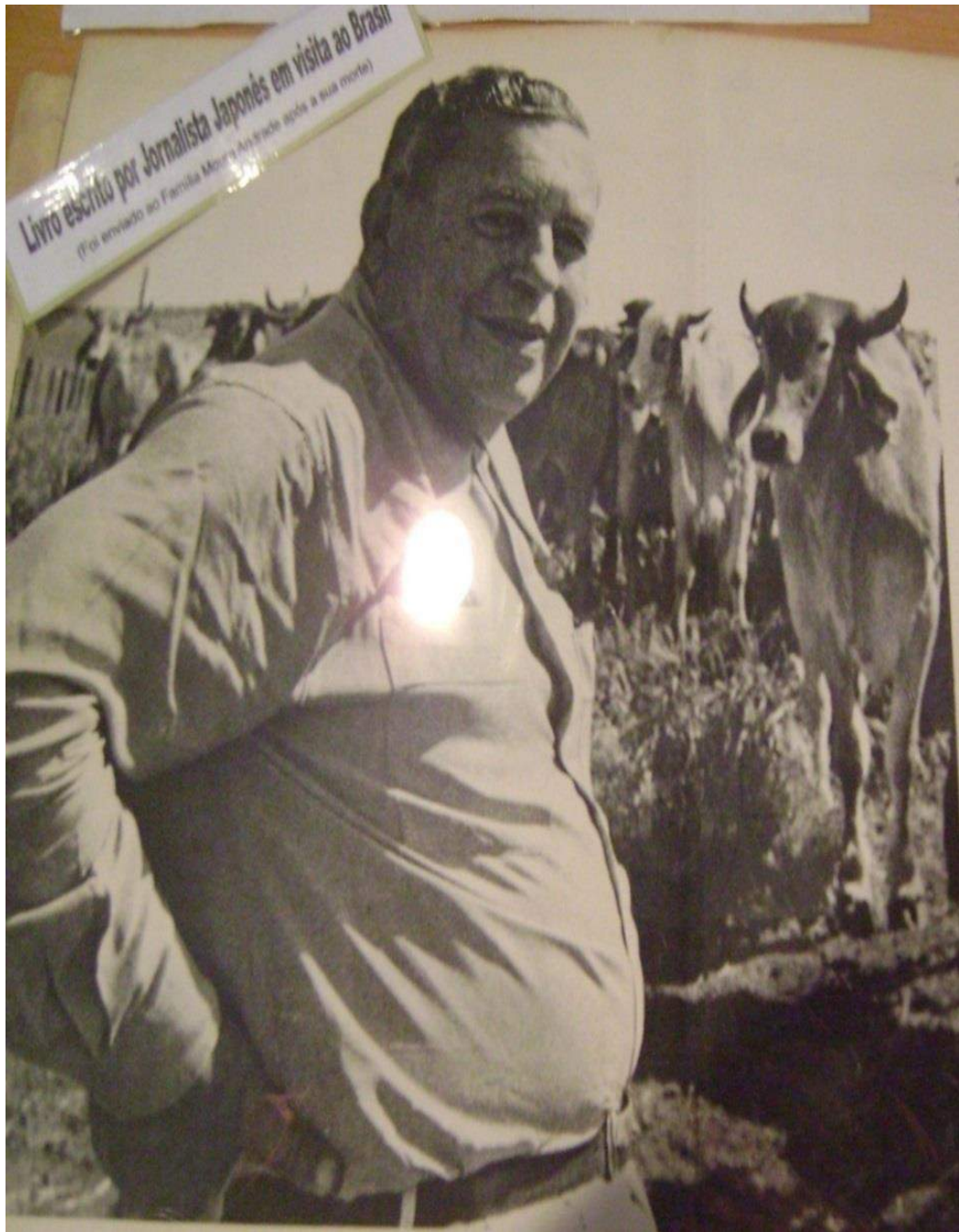
<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/4/02.htm>

<http://www.filologia.org.br/viccnlf/celsocunha.html>.

[pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Andradina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Andradina)

## **ANEXOS**

1 –Antônio Joaquim de Moura Andrade: O Fundador.



Fonte: Museu Municipal de Nova Andradina



## 2 - Agenda Pessoal de Antônio Joaquim de Moura Andrade

Imposto de Vendas e Consignações na base de 1 <sup>1</sup> / <sub>4</sub> por cento					
DECRETO N.º 8891 de 31-12-37					
88000	\$100	3448000	48300	6808000	88500
168000	\$200	3528000	48400	6888000	88600
248000	\$300	3608000	48500	6968000	88700
328000	\$400	3688000	48600	7048000	88800
408000	\$500	3768000	48700	7128000	88900
488000	\$600	3848000	48800	7208000	89000
568000	\$700	3928000	48900	7288000	89100
648000	\$800	4008000	49000	7368000	89200
728000	\$900	4088000	49100	7448000	89300
808000	1\$000	4168000	49200	7528000	89400
888000	1\$100	4248000	49300	7608000	89500
968000	1\$200	4328000	49400	7688000	89600
1048000	1\$300	4408000	49500	7768000	89700
1128000	1\$400	4488000	49600	7848000	89800
1208000	1\$500	4568000	49700	7928000	89900
1288000	1\$600	4648000	49800	8008000	90000
1368000	1\$700	4728000	49900	8088000	108100
1448000	1\$800	4808000	50000	8168000	108200
1528000	1\$900	4888000	50100	8248000	108300
1608000	2\$000	4968000	50200	8328000	108400
1688000	2\$100	5048000	50300	8408000	108500
1768000	2\$200	5128000	50400	8488000	108600
1848000	2\$300	5208000	50500	8568000	108700
1928000	2\$400	5288000	50600	8648000	108800
2008000	2\$500	5368000	50700	8728000	108900
2088000	2\$600	5448000	50800	8808000	118000
2168000	2\$700	5528000	50900	8888000	118100
2248000	2\$800	5608000	51000	8968000	118200
2328000	2\$900	5688000	51100	9048000	118300
2408000	3\$000	5768000	51200	9128000	118400
2488000	3\$100	5848000	51300	9208000	118500
2568000	3\$200	5928000	51400	9288000	118600
2648000	3\$300	6008000	51500	9368000	118700
2728000	3\$400	6088000	51600	9448000	118800
2808000	3\$500	6168000	51700	9528000	118900
2888000	3\$600	6248000	51800	9608000	128000
2968000	3\$700	6328000	51900	9688000	128100
3048000	3\$800	6408000	52000	9768000	128200
3128000	3\$900	6488000	52100	9848000	128300
3208000	4\$000	6568000	52200	9928000	128400
3288000	4\$100	6648000	52300		
3368000	4\$200	6728000	52400		
1:0008000	12\$500	4:0008000	508000	7:0008000	87\$500
2:0008000	25\$000	5:0008000	62\$500	8:0008000	100\$000
3:0008000	37\$500	6:0008000	75\$000	9:0008000	112\$500

Domingo, Janeiro 1, 1939

1

364

Neste mez pagam-se:

Na Recebedoria de Rendas do Estado; as taxas relativas a vehiculos particulares, para transporte de pessoas, ainda que com chapa de experiencia.

Na Recebedoria Federal; o registro devido pelos fabricantes e commerciantes de productos tributados pelo imposto de consumo.

Na Prefeitura Municipal; os impostos de Publicidade e Licença.

Salve' 1.939!...

Comuniceamos na Guanabara ate as 15 horas, tendo ido de avião a Andradina onde instalamos o Municipio. Regressamos a Guanabara tendo passado a noite. Octavio foi a Guanabara assistir as solenidades da fundação de Andradina como Comarca e Municipio.



Segunda, Janeiro 2, 1939

2

363

Regressamos da Guan-  
barã, 2 aviões. Eu, esta-  
vio e Benedito no "Fiumi".

Pedro, Victor e Calvoro  
Prefeitos de Andradina no  
"S. Joaquim".

Muita chuva

Terça, Janeiro 3, 1939

3

362

ficou em Paulo.

De manhã fui conversar  
com Gerencia Humardelli  
e estive também na Pro-  
curadoria de Terras. Depois  
fui com Mauro e Calvoro re-  
tirar os certificados de Reser-  
vistas do Exército para  
ambos. As 18 horas pre-  
senciei a posse do Calvoro  
como Prefeito de Andradina.  
Choveu toda noite. Duran-  
te o dia fez bom tempo.

Quarta, Janeiro 4, 1939

4

361

Fui a Santos pelo trem das 8 horas e regressi com Octavio, chegando de automovel, ás 17 horas em S. Paulo. Em seguida estive com Calvo no Palacio do Campos Elyrios, tratando da creação das Colletorias Estadual e Federal, Delegacia de Policia e Centro de Saude de Andradina.

Choveu

Quinta, Janeiro 5, 1939

5

colletoria grau do Suro. 360

Fiquei em S. Paulo. De manhã fui ao Campos de Marte em seguida estive no Campos Elyrios, depois fui a diversas secretarias tratar da creação de lugares em Andradina.

Hoje foi a colocação de grama de Bacharel do Suro. Houve festa as 20 horas no Theatro Municipal. Muito calor com alguma chuva durante o dia.



Sexta, Janeiro 6, 1939

359

fiquei em S. Paulo.  
 fui de manhã ao campo  
 do Marte e ao meio almo-  
 ção, com manãis.

Sabbado, Janeiro 7, 1939

358

fiquei em S. Paulo até  
 as 13 horas, tendo depois  
 seguido para Pedro com  
 Octávio e Clavo Ferraz, no  
 "Simorin". Fizemos boa  
 viagem. Dormimos em  
 Pedro. Hoje fiz nego-  
 cio do seronca PP-TEQ  
 do Clut Paulista de Planate-  
 res. Dormimos em Pedro.

Domingo, Janeiro 8, 1939

8

357

Ficamos em Pedro até as 15 horas. Major Mariinho Lutz foi almoçar em Pedro. Isabel Frain e D. Geralda foram no Simoom para a fazenda Cataguá. Chegamos em Paulo as 15,40. Depois que chegamos, deu-se um jantar.

Segunda, Janeiro 9, 1939

9

356

Fui a Santos de automovel, onde almocei e voltei as 16 horas, chegando em Paulo as 17,30.

Cortei meu cabelo.

Hoje foi encomendada a o avião Stinson para o Sr. Etalvio.



Terça, Janeiro 10, 1939

10

355

fiquei em S. Paulo até  
 as 11½, tendo em seguida  
 ido a Santos de "Aerona"  
 com o Pedro, assistir ao  
 almoço oferecido pelo Com-  
 mercio de Santos pelo  
 Interventor Dr. Adhemar  
 de Barros. Regressei de  
 volta as 17 horas.

Quarta, Janeiro 11, 1939

11

354

fiquei em S. Paulo. Pedro  
 seguiu para Math Grosso,  
 tendo levado Clavo Ferraz  
 até Garcia. Luiz foi de  
 Aerona para a faz. Cataguá.  
 À noite fui assistir a  
 festa Prof.ª Medina onde  
 fiz um discurso.

Quinta, Janeiro 12, 1939

12

353

Fiquei em S. Paulo. De manhã fui ao C. Marte, onde fiz um rã solo no Rearwin. Depois fui ao escritório atendendo diversas pessoas, inclusive Sr. Leite, Aluísio Baralho, Sr. Nicolau Mauro, Cel. Thomé Rodrigues etc outros. À tarde fiz extração de 3 dentes com o Dr. Pyley (dentista)

Sexta, Janeiro 13, 1939

13

252

Fiquei em S. Paulo. De manhã fiz um treino no C. Marte. Logo voltou ao Cataguá no Aeruca. Fui ao dentista onde coloquei um Frabalho provisório. Fiquei meus advogados.

Grande desastre!

O avião Mariuba, pilotado pelo meu compadre Severiano Luis, foi de encontro a uma montanha perto de Rio Bonito, S. do Rio, perecendo todos os tripulantes. Foi uma desastrosa queda!



Sabbado, Janeiro 14, 1939

14

351

Continuou doente com  
uma isenção intestinal e  
febre. Fui para cama.

Resolvida com Lucia e  
Wanda foram para  
Apeno.

Domingo, Janeiro 15, 1939

15

350

Continuou com febre e  
de cama.

Segunda, Janeiro 16, 1939

16

Choveu a noite

349

Amada de Camada, porém,  
com tendência de melhorar,

Passei de Cama, ~~fora~~ o  
dia

Terça, Janeiro 17, 1939

17

Choveu durante o dia

348

Melhorou um pouco tendo  
me levantado. Não fui  
de Casa. À noite recebi  
visitas do Prof. Aguiar Pupo e  
Dr. Luiz de Mauro.

Quarta, Janeiro 18, 1939

18

347

Me levantei ja bem  
melhor, porem, o medico  
nao permittio que sahisse  
de casa.

Quinta, Janeiro 19, 1939

19

346

Solo no Serouca.

fiquei em Paulo ate  
as 16 horas, tendo ido  
em seguida para S. Pedro  
com zizi no Pelican fivora  
falcao e fur. Perora leva-  
ram o Serouca para  
S. Pedro. Hoje sli no  
Serouca.



Sexta, Janeiro 20, 1939

20

345

Em A. Pedro, tendo ido  
almoçar no Cataguá  
com Zizi no Serouca.

Regressamos depois do  
almoço

Sabbado, Janeiro 21, 1939

21

344

Em A. Pedro. Fiz dizer  
aos vãos de panejo com  
a família do Sr. Clavo  
Ferreira.



Domingo, Janeiro 22, 1939

22

343

Fomos de manhã a  
Dois Corregos. Eu e Zizi  
no serroca. Almoçamos  
em Dois Corregos e volta-  
mos a S. Pedro.

Monte Clara

Segunda, Janeiro 23, 1939

23

342

Fiquei em S. Pedro até  
as 15 horas, tendo tomado  
o trem em Rio Claro as  
16 horas e vindo para  
S. Paulo onde cheguei as 20  
horas. Zizi ficou em  
S. Pedro

Terça, Janeiro 24, 1939

24

341

fiquei em S. Paulo, tra-  
 zendo de diversos negros.  
 Decidi chegar na Guana-  
 bara com Maria Luiza.  
 Vieram de avião

Quarta, Janeiro 25, 1939

25

340

fiquei em S. Paulo  
 até as 14 horas, tendo,  
 em seguida ido a S. Pedro  
 no "Simoum".

Quinta, Janeiro 26, 1939

26

339

Fiquei em S. Pedro, tendo  
feito diversos vãos e passios.

De manhã vim a S. Paulo  
no "Aronca" tendo regressado  
em seguida.

Sexta, Janeiro 27, 1939

27

338

Fui com Clavo Ferraz  
a Rebedouro no "Aronca"  
fuei, ótima viagem,  
tendo pernoitado em Rebedou-  
ro na faz. Guarany.

Sabbado, Janeiro 28, 1939

28

337

Em Rebelouro fiz diversos passeios e depois do almoço na faz. Guarany, em companhia do C<sup>el</sup> Thomé (que fez 55 annos), regressamos a A. Pedro. fizemos ótima viagem. O C<sup>el</sup> Thomé ficou na fazenda

Domingo, Janeiro 29, 1939

29

336

Ficamos em A. Pedro.



Segunda, Janeiro 30, 1939

30

335

Vim a S. Paulo com  
Zizi no "Teroua".

Octavio, Bernardo, Cláudio  
Serraz e Dr. Luiz Mauro  
vieram no "Jinsuu"  
Tratei de diversos negócios.

Terça, Janeiro 31, 1939

31

334

Fui a Santos de  
automóvel no "Mercedes"  
e regressi mais cedo  
para o dentista.

Quarta, Fevereiro 1, 1939

32

333

Neste mez pagam-se:

Na Recebedoria de Rendas do Estado: as taxas relativas a vehiculos de carga em geral.

Na Recebedoria Federal; o registro devido pelos Fabricantes e commerciantes de productos tribulados pelo imposto de consumo.

Na Prefeitura Municipal; os impostos de Publicidade e Licença.

De manhã fui ao dentista e em seguida a Santos almorçar com Dulce Rachel (dia do seu anniversario). Em seguida fui com Zizi a São Pedro emo avião "Serouca". Fomos a Santos no "Serouca".

Quinta, Fevereiro 2, 1939

33

332

De São Pedro vim a São Paulo, buscar o Dr. Mario Sterchelli e fomos ao Cataguá onde almoçamos e regressamos a São Paulo. Viagem no "Serouca".

Sexta, Fevereiro 3, 1939

34

331

Fui ao Rio pela  
Vasp. No Rio tratei  
de diversos negócios e  
visitei minha comadre  
Maria Luis, viúva de  
Feveriano Luis.

Sabbado, Fevereiro 4, 1939

35

330

Regrusei do Rio, chegando  
do em S. Paulo às 11 horas,  
onde almocei e segui no  
"Aerona" para S. Pedro.



Domingo, Fevereiro 5, 1939

36

329

Fui a fazenda Cataguá  
com o Luiz no Serouca  
e regressamos a S. Pedro.

Segunda, Fevereiro 6, 1939

37

328

Fiquei em S. Pedro até as  
16 horas tendo ido no  
Serouca a Dois Corregos  
com o Bernardo. Fiquei  
em Dois Corregos para teste  
mudar o Casamento de  
Cely com o Sr. Voltava que  
se realizou as 20 horas.



Terça, Fevereiro 7, 1939

38

327

Regressi de Aris Corvay  
no trem com Bernar-  
do para S. Paulo, passan-  
do por S. Pedro. Zizi fi-  
cou em Aris Corvay.

Quarta, Fevereiro 8, 1939

39

326

Fiquei em S. Paulo, pas-  
sando todo o dia no  
dentista Fratauro e  
dentos.

Muita chuva.

Quinta, Fevereiro 9, 1939

40

325

↖  
Fiquei em Paulo,  
sendo tomado todo o  
dia no dentista.

Muito Cluwa

Sexta, Fevereiro 10, 1939

41

324

Fiquei em Paulo, para  
tratar dos dentes.

Hoje faleceu em Campinas,  
o Pai do Sr. Jorge Euzio  
e seus restos foram enterrados.

Eu coloquei hoje a ponte  
superior de meus dentes.

Sabbado, Fevereiro 11, 1939

42

323

Siquei em São Paulo até  
as 14 horas, indo em segui-  
da a São Pedro no "Simão"  
com Bernardo, Mariano Wen-  
del e Feubora. Siquei em  
São Pedro. Luiz e Carlito  
Lisboã foram a São Pedro  
no "Saulha".

Domingo, Fevereiro 12, 1939

43

322

As 9 1/2 horas de São Pedro  
no "Saulha" e fui a Garcia,  
descendo na fazenda de  
Olavo Ferraz. Almocei em  
Garcia e regressi para  
São Pedro em companhia do  
sr. José Henrique Ferraz.  
Septima viagem.



Segunda, Fevereiro 13, 1939

44

321

Regressi de S. Pedro com  
Luiz no "Saulhaco" e fi-  
quei em S. Paulo. Luiz  
foi a Santos.

Terça, Fevereiro 14, 1939

45

320

Fui a Santos no trem  
das 8 e voltei às 17  
horas. A noite fui  
ao theatro Faust' Anna  
assistir a festa da pos-  
se da Nova Directoria  
do Centro Academico  
XI Agosto. Muro fez  
um discurso.

Quarta, Fevereiro 15, 1939

46

319

Fiquei em S. Paulo  
tratando dos dentes e  
de alguns negócios.

Quinta, Fevereiro 16, 1939

47

318

fui a Santos de auto-  
movel com Eurico e regres-  
samos às 14 horas, chegau-  
do em S. Paulo às 16. Mui-  
to calor. O mercado de  
café em Santos foi, como  
neste ultimo dia, muito  
paralyzado.

Sexta, Fevereiro 17, 1939

48

317

Fui a Pedro, no  
"Sambaco". Saí às 10  
horas e cheguei lá às  
11 $\frac{1}{2}$ . Ótima viagem.

Sabbado, Fevereiro 18, 1939

49

316

Fui para a Guanabara,  
saindo de Pedro às 6,<sup>10</sup>  
fazer na fazenda Guarany  
onde Sr. Jorge Travençolo  
aviou "Sambaco" e seguimos  
para a Guanabara chegando  
lá às 11,<sup>20</sup>. Octavio com  
Bernardo, Sr. Rubens Rodrigues  
e Sr. Dacio Moraes, foram  
no "Simoun" chegando em  
Guanabara às 13 horas.



Domingo, Fevereiro 19, 1939

50

315

ficamos na Guana,  
 bara onde ficamos mais  
 panes a cavallo.

Segunda, Fevereiro 20, 1939

51

314

Acorda na Guanaba,  
 ra, passando, fomos a  
 Itapuru e a tarde em  
 Indriadua.

Terça, Fevereiro 21, 1939

52

313

Sabemos Eu e Gut,  
 Jorge da Guanabara,  
 rumo a Faz. Guarany,  
 onde desceu, e reabaste-  
 ceu, o avião. Em segui-  
 da fui à Faz. Piratun-  
 ga onde almoçamos e  
 dei um voo com a Sr.<sup>a</sup>  
 Aquivaldo Mural e outro  
 com D. Hawry, fui depois  
 para Pedro, tendo feito opti-  
 ma viagem.

Quarta, Fevereiro 22, 1939

53

312

Fiquei em S. Pedro.



Quinta, Fevereiro 23, 1939

54

311

Fui com Victor a  
fazenda Cataguá onde  
almoçamos e voltamos  
a Pedro tendo descido  
em Rio Claro devido  
a Chuva.

Sexta, Fevereiro 24, 1939

55

310

Vim de Pedro, descendo  
do em Piracicaba onde  
entrou o Pedro. Fui rio  
até São Paulo. Aqui  
frateira de diversos nego-  
cios.

Sabbado, Fevereiro 25, 1939

56

309

fiquei em Paulo até  
as 14 horas, tendo ido  
depois para Pedro com  
Sr. Nicolau Mauro, no  
"Sanhaco". Hoje fiz visita  
da gleba de 2,325 alq.<sup>2</sup> de  
terra que havia comprado  
de G. Inuardelli, com  
o memo.

"Santa Maria" voo hoje após  
a revisita

Domingo, Fevereiro 26, 1939

57

308

fiquei em Pedro até  
as 14 horas, indo aprot<sup>o</sup>  
no "Sanhaco" com o Sr.  
Carlos Mauro e eu segui  
da vim para Paulo.  
Cheguei aqui com chu-  
va, porém, fiz boa via-  
gem



Segunda, Fevereiro 27, 1939

58

307

Fiquei em S. Paulo,  
 tendo assignado escriptu-  
 ra recisa da compra  
 de 2,325 alq.<sup>97</sup> terra do Sr.  
 Geremia Luardelli. Trata  
 negocio com Sr. Luiz del-  
 fino e outros.

Terça, Fevereiro 28, 1939

59

306

Fui de manhã no  
 "Santa Maria" com o  
 Dr. Carlos Moura Fiora  
 e Carlos Statareij até  
 Marilia Fratur nego-  
 cio Catani e outros.  
 De Marilia fui a Pom-  
 peia onde almocei e  
 regressamos a S. Pedro  
 passando a noite devida  
 o primeiro tempo. Pedro  
 levou o "Serona" do Luiz para  
 S. Pedro.

Quarta, Março 1, 1939

60

305

Neste mez pagam-se:

Na Recebedoria de Rendas do Estado (de 1 a 10 inclusive) as taxas relativas a vehiculos de aluguel para passageiros, inclusive auto-omnibus.

Na Recebedoria Federal, o registro devido pelos Fabricantes e Comerciantes de productos tributados pelo imposto de consumo.

Na Prefeitura Municipal, os impostos de Viação e Taza Sanitaria e Predial.

Regressamos de Pedro  
chegando em Paulo as  
11 horas. Depois do almu-  
ço fui com Calvo a  
diversas secretarias.

Quinta, Março 2, 1939

61

304

Fui a Santos no trem  
das 8 horas. Em Santos  
tratei de negocios visitei  
Dr. Bias e Inacai que  
estava em Casa de Zulu-  
na. Regressei no trem  
das 17 horas. Muito calor  
em Santos.



Sexta, Março 3, 1939

62

303

Fiquei em Paulo.  
 De manhã fiz um  
 Frenio no Rearwin.  
 Zizi regressou hoje de  
 A. Pedro

Sabbado, Março 4, 1939

63

302

Fiquei em Paulo, de  
 manhã fui ao Campo de  
 Marte, sendo freniado no  
 "Rearwin".

Domingo, Março 5, 1939

64

301

Eu, Bernardo, Antunes,  
 Gary e Clavo Ferraz, sa-  
 mos as 8 horas no San-  
 ta Maria, tendo voado  
 sobre Itatiba, Muparo, Ter-  
 ra Negra, Lindoya, Yautu-  
 ga, Caraiól, P. Calday, S.  
 Boa Vista etc, e desce-  
 mos em Rio Claro. Em segui-  
 da fomos a São Pedro de-  
 pois a Nova Cedena onde desce-  
 mos e em São Paulo. A última  
 viagem.

Segunda, Março 6, 1939

65

300

Fiquei em São Paulo.  
 Tratei de diversos  
 negócios.

De manhã fui ao  
 Campo de Marte.

Terça, Março 7, 1939

66

299

fiquei em S. Paulo.  
 Fui com o Dr. Winter,  
 Dr. Jorge Americano, Noé  
 Ribeiro e Pedrona ao pa-  
 lacio do Campo Eliseo,  
 onde conferenciamos com  
 o Dr. Adhemar sobre as  
 construções de "Hangars"  
 no Campo de Marte.

Quarta, Março 8, 1939

67

298

Fui a Santos no  
 trem das 8 horas. Regres-  
 sei as 18 horas. Fui  
 ao Campo de Marte fazer  
 um voo.

Em Santos o mercado  
 esteve muito paralisado.



Quinta, Março 9, 1939

68

297

Fui a Rio Claro no  
"Sambaco" com zizi, vi-  
sitar tia Maria Honora  
Saibano, as 8 horas,  
e chegamos de regresso  
as 14 horas. Ótima  
viagem.

Sexta, Março 10, 1939

69

296

Fui com o Sr. Tacito.  
Foies Nóbre quis de Andra-  
dina, até a Andradina.  
Passamos por S. Pedro e  
fazenda Paraíso onde deixei  
Claro Ferraz que pegarei em  
S. Pedro. Chegamos na faz.  
Guanabara as 11 horas. O Sr.  
Etalvio foi no S. Cruz com  
o Pedro e Calvo. Maria  
Luiza e Cidinho foram  
em minha companhia

Sabbado, Março 11, 1939

70

295

Ficamos na Guana-  
bara tendo ido até  
Andradina e regressamos  
à fazenda. De manhã  
fomos a Itapura, Bru-  
bi, Pungá e tres lagoas

Domingo, Março 12, 1939

71

294

Regressamos da Guana-  
bara tendo vindo sobre  
as divisas de Andradi-  
na, Valgarainço, Birigui e  
Aluocauço em Novo Ho-  
rizonte. Em seguida fomos  
para Pedro, onde dor-  
mimos, devido a muita  
chuva.



Segunda, Março 13, 1939

72

293

Regressando de Aledo,  
fui ao Palácio Cam-  
ões Elycio.

Terça, Março 14, 1939

73

292

Fiquei em A Paulo,  
Sr. Jorge veio de  
Taguwa, hoje.  
Hoje faleceu o Sr.  
Nota administrador  
do João Santos.

Quarta, Março 15, 1939

74

291

fui a Santos no fim  
das 8 horas e regressi  
as 17. Mercado em total  
to muito paralyzado.

Quinta, Março 16, 1939

75

290

fiquei em Paulo.  
fiz exame <sup>nao</sup> para regressar  
a prova de piloto avia-  
dor. fui considerado  
apto plupiacamente, Prun-  
atunap. 11.3.39  
Noze aniversario  
de Wanda (16 annos) ti-  
vemos uma reuniao  
sua em m. casa.



Sexta, Março 17, 1939

76

289

Fui com Bernardo e  
 Sr. Jorge, no "Santa  
 Maria", para a fazenda  
 Guauabara onde perui-  
 tamos. Fizemos boa  
 viagem.

Sabbado, Março 18, 1939

77

288

Sabiu de manhã  
 da fazenda Guauabara, Eu,  
 Sr. Jorge, Bernardo e  
 devolvi com destino a  
 fazenda Juacy. Descemos  
 na fazenda Rio Branco,  
 onde fomos caçar. Che-  
 gamos no "Juacy" às 9  
 horas. Durante o dia  
 fizemos muitos passeios,  
 inclusive até à fazenda  
 do Sr. Jayme Barbosa.

Segunda, Março 27, 1939

86

279

Fiquei em S. Paulo.

Terça, Março 28, 1939

87

278

Fiquei em S. Paulo. Bem-me-  
do foi à Guanabara no "fi-  
nancin" levar umas encomen-  
das. Hoje chegou no Campo  
do Marte o avião "Brilhante"  
do Sr. Etalvio. Mamãe  
regressou de S. Pedro. A noite  
fomos visita-la.



Domingo, Março 19, 1939

78

287

Regressamos da fazenda  
Sincora, tendo vindo tam-  
bem o Santo-Cruz com  
o Sr. Etalvio e Pedro Pa-  
tauro, novamente na  
fazenda "Rio Branco", na  
Guanabara onde almoça-  
mos, em S. Pedro e em  
S. Paulo onde chegamos  
às 17 horas. Muita boa  
viagem.

Segunda, Março 20, 1939

79

286

Fiquei em S. Paulo.  
Fui a diversas repartições  
públicas.



Quarta, Março 29, 1939

88

chapéu

277

fiquei em São Paulo, tratando de diversos negócios e apromptando para ir amanhã em Andradina instalar a Comarca. Hoje comprei um chapéu.

Quinta, Março 30, 1939

89

276

Seguimos (5 aviões), para Guanabara para instalar a Comarca de Andradina. Foram o Dr. Adhemar Barros, seu secretário Dr. Oliveira Barros, Amador Falley e Raptista Pereira. Chegamos na Guanabara às 8 1/2 da manhã, tendo almoçado na Fazenda e seguindo para Andradina onde teve lugar a instalação da Comarca. Voltamos para Guanabara onde dormimos.

Sabbado, Abril 8, 1939

98

Pachoa

267

De manhã fomos ao Campo de Marte, onde venci com Dr. Beigação e Genaro Gagliotti, (primeiro vôo). Hilda Moacyr, Edir e Edda, vieram no "Santa Maria" com Zizi e Romarinho.

Hoje fui pedir a Beatriz em casamento para o Suro.

Fomos, também, à noite na casa de Alvaro Ferraz, onde festejava o seu aniversário.

Domingo, Abril 9, 1939

99

Arriungo Melua

266

Fiquei em S. Paulo. De manhã fui ao Campo de Marte, onde venci no Suro. Depois do almoço voltamos ao Campo de Marte, onde venci no "Fanhaco" com Moacyr, Hilda, Enrico, Mito, Ninho, Zizi e Alvaro Ferraz. (2 horas). Tarde muito bonita.

Sexta, Abril 14, 1939

104

Rosa Brandão

261

fiz em S. Paulo.  
 fiz um voo com Victor  
 Rodrigues no "Faubas"

Falleceu hoje em Rio  
 Claro a Rosa Brandão,  
 Octavio foi com o Comal  
 Norte Americano e Senhora  
 para a fazenda Guanabara.

Sabbado, Abril 15, 1939

105

260

fiz em S. Paulo  
 tendo tratado de diversos  
 negocios. A tarde fui  
 ao Palacio Campos Elizios  
 na reuniao "Revista da  
 Sorocabana". Incontinua  
 pretendo ir a Itapetininga  
 com o Dr. Adhemar de  
 Barros. fiz um passeio  
 no "Faubas" com o Dr. Fran-  
 cisco P. Correa



Domingo, Abril 30, 1939

120

Sanhaco 245

Fui com zizi no "Sanhaco" na Fazenda Cataquã, almoçamos lá e na volta fizemos um longo passeio sobre o rio Moggy Guani, Moggy Mirim, Campina, Jundiá e Represa Santo Amaro.

Ultimei o negocio do "Sanhaco" com o Dr. Elpidio Camarava, de Maraquary, <sup>mas</sup> ~~mas~~ <sup>troube parte</sup> não sigo para o Rio <sup>na</sup> ~~na~~ <sup>revoada</sup> a Porto Seguro.

Segunda, Maio 1, 1939

121

Revoada Porto Seguro 244Neste mez pagam-se: Sanhaco

Na Prefeitura Municipal: os impostos de Viação e Taxa Sanitaria e Predial.

Seguimos rumo a Porto Seguro, Eu, Sr. Prof. Zidoro Gonçalves e Bernardo, incorporamos no Rio a outros avião e fomos pernoitar em Vitória onde à noite, não foi oferecido um jantar pelo Sr. Interventor do Estado do Espírito Santo. Quando hoje o "Sanhaco" por 45.000.000, foi guio para Maraquary

Terça, Maio 2, 1939

122

243

Sabemos de Victoria  
 as 8 horas da manhã  
 e fomos pousar em Porto  
 Seguro. O "Pelican", duas  
 forçad. em Caravelas.  
 O resto fez boa viagem.

Quarta, Maio 3, 1939

123

242

Quomodo misra em Porto  
 em Porto Seguro e sabemos  
 depois do almoço, rumo  
 a Bahia; Deu 3 aviões, a  
 "Brilhante" "F. Maria" e "Fauto  
 Dumont". Ficamos na  
 Bahia, onde fomos muito  
 bem recebidos como hóspedes  
 do Governo.



Sabbado, Maio 6, 1939

126

239

Regressamos à Bahia, onde  
passamos a noite.

Domingo, Maio 7, 1939

127

238

Jalisco, da Bahia, tendo  
deixado em Caravelas, onde  
almocamos e em Victoria pa-  
ra reabastecer os aviões, em  
seguida fomos até a fazen-  
da da Piedra em Campos, onde  
passamos a noite. Optamos  
viagem.

Segunda, Maio 8, 1939

128

Muirio Nelson

237

Saímos de Campos (Fazenda da Pedra), as 9 horas de manhã no Rio reabastecemos os aviões e chegamos em S. Paulo as 15 horas. Ótima viagem. Hoje nasceu o <sup>Nelson</sup> Muirio filho do Eurico. Que seja bem vindo!

Terça, Maio 9, 1939

129

236

Fiquei em S. Paulo, tratando de diversos assuntos. Fui a Repartição Pública, Palácio dos Campos Eliseos, visitei o Major Hutch, fui ao explanato Divina Providencia etc.



Domingo, Maio 28, 1939

148

Falleceu tio Zeca Xavier

Fui a Pedro com  
 Dr. Joaze de Deus Bueno do  
 Reis e Senhora e Dr. Robert  
 Monte Clinico italiano.  
 Enquanto ficamos em  
 Pedro até as 16 horas o  
 Bernardo foi a Guanabara  
 e mandou buscar o  
 Felício Xavier de Mendonça  
 que veio até Garça onde  
 ficou para ir de auto-  
 vel a Vera Cruz assistir ao  
 enterro do Pai meu tio Zeca  
 Xavier que falleceu hoje a  
 1/2 da madrugada

Segunda, Maio 29, 1939

149

216

Fui a Santos de auto-  
 vel sozinho. Ahoreci com  
 o hum e tratei la de diver-  
 sos negocios. O mercado de  
 café esteve calmo. A noite  
 em S. Paulo, recibi a visita  
 de Felício José e do Dr.  
 Roberto do Monte Clinico, que  
 pretendem contractar para  
 S. Pedro.

Muita chuva a noite

Terça, Maio 30, 1939

150

215

Fiquei em São Paulo.  
 Tratei de diversos nego-  
 cios, inclusive o da Lycopodium  
 da de Felício José e de  
 um entendimento do Dr.  
 Del Monte com o Dr. Aguiar  
 Pupo.

Quarta, Maio 31, 1939

151

Aniversário Zizi e batismo <sup>Nelson</sup> ~~Nelson~~

Fiquei em São Paulo.  
 Aniversário de Zizi e  
 batismo do novo netinho  
 Nelson. De manhã fui  
 ao Campo de Marte, onde  
 fiz um treino com Remor  
 do rio "Santa Maria". A  
 noite estivemos em casa  
 numa reunião com  
 diversas pessoas da fami-  
 lia e amigos, Lúcia, Ne-  
 zita e as crianças vieram  
 também.



Sabbado, Junho 17, 1939

168

197

Fui com o Consul e  
 Consulesa Norte America,  
 na para a fazenda  
 Guarany passando por  
 Betim onde deu  
 moço e entrou o caminho  
 vivo. Dormimos na  
 fazenda Guarany

Domingo, Junho 18, 1939

169

196

Salimos da fazenda  
 Guarany e fomos a  
 fazenda Piratuniga e San-  
 ta Cruz, voltando para  
 a Guarany onde dormimos.

Segunda, Junho 5, 1939

156

209

fui a Santos de auto-  
 mobil regressando as  
 17 horas. O mercado de  
 Santos continia muito  
 calmo. —

Terça, Junho 6, 1939

157

208

Casamento Maria Carmo

fui a Santos de auto-  
 mobil com zizi para im-  
 pliar o casamento de Maria  
 do Carmo Mobil. Regres-  
 sando de à tarde fui  
 ao Campo de Marte fazer  
 um freixo no "Santa  
 Maria" com o Bernardo.

Quarta, Junho 7, 1939

158

207

Fiquei em S. Paulo.  
De manhã fiz um  
treino no Campo de  
Marte no "S. Maria" com  
o Pedro. Durante o dia  
fiz de diversos negócios  
e à tarde treinei no Campo  
de Marte novamente onde  
fiz um outro treino no "San-  
ta Maria" com o Remarso.

Quinta, Junho 8, 1939 Pedro

159

206

Dia fante.

Fiquei em S. Paulo, tendo,  
logo de manhã, ido ao  
Club de Campo e Yacht  
Club com o Antunes de  
Barros e outros, <sup>amigos,</sup> ~~estudo~~  
oferecidos um almoço  
neste club ao Dr. Trajano  
dos Reis e outros componentes  
da "Revista a Forocabaria".  
Muito boa festa. (Tive  
hoje uma decepção: - o Pedro  
nem <sup>me</sup> um vôo <sup>vôo</sup> ~~avião~~ "Bri-  
llante" de Paris para São Paulo)







Terça, Junho 13, 1939

164

201

Fiquei em S. Paulo. De manhã estive no Campo de Marte onde fomos despedir de nossa cunhada Maria Luis que seguiria viagem para o Rio com as crianças. fomos no "Santa Maria" com Romando. A noite estive no Campo Elyseu e tirei muitas photographias. Victor e Flora estiveram <sup>aqui</sup> em casa onde jantaram.

Quarta, Junho 14, 1939

165

200

Fui a Santos de avião e regressi às 17<sup>30</sup> vindo em minha companhia o Sr. José Junqueira.

Sabbado, Junho 17, 1939

168

197

Fui com o Consul e  
 Consuleza Norte America,  
 na para a fazenda  
 Guarany passando por  
 São Pedro onde desce-  
 mos e entrou o Cami-  
 nio. Dormimos na  
 fazenda Guarany

Domingo, Junho 18, 1939

169

196

Sabemos da fazenda  
 Guarany e fomos a  
 fazenda Piratininga e San-  
 ta Cruz, voltando para  
 a Guarany onde dormimos.

Sexta, Junho 23, 1939

174

191

De manhã fui ao Campo de Marte onde fiz um freio no Santa Maria e depois fui a Santos com um official para retirar o motor do Marinette tendo regressado as 17 horas.

A noite tive a visita do Sr. Moacyr Vasconcellos.

Sabbado, Junho 24, 1939

175

190

Fui pilotando o "Santa Maria" com zizi, Hippocampo e Nancy até o Cataguá onde se realizou uma festa em benefício da Santa Casa de Misericórdia de Moggy Guas, etc. Houve um churrasco e diversos divertimentos durante o dia. A noite um animado baile na casa nova em construção. Arrumado na faz. Cataguá.



Quinta, Junho 29, 1939

180

185

Saímos do Rio pelo "fa-  
ta Maria" com muito ven-  
to contra. Levamos 2, <sup>15</sup> até  
S. Paulo. Dr. Buizaga enjoou  
muito. Depois chegamos fiz  
diversos treinos com Camargo  
para aprender atear. Tam-  
bem com tempo ruim.

Sexta, Junho 30, 1939

181

184

7<sup>h</sup> 5  
Fiquei em S. Paulo  
onse Fratei de diversos  
amuytos. De manhã  
fui ao Campo do Marte,  
fiz um treino "sólo" no  
Santa Maria. A tarde  
fui aos Campos Elyseos,  
a chamados do Antonio de  
Barros combinar a viagem  
de Benjamin Vargas a  
Mato Grosso, para caçar por-  
dizes.

Sexta, Julho 7, 1939

188

177

Saímos as 9 horas  
no avião "Paulo Faria" com  
Falcão (piloto), Antonio e  
Oswaldo de Barros, irmãos  
do Galton e cunha Adhemar  
de Barros, rumo a fazenda  
Sucury, em Mato Grosso,  
propriedade de Etalvio Pereira  
Martins. Passamos por Alerio  
onde desceu, Guanabara  
onde almoçamos e chegamos  
em Sucury as 15 horas. Vou  
caçar perdizes.

Sabbado, Julho 8, 1939

189

176

ficamos na fazenda Su-  
cury. Os companheiros caçaram  
tudo o dia e eu com fur.  
Etalvio visitamos diversas  
fazendas de amigos, regres-  
samos a tardinha para  
o jantar.



Domingo, Julho 9, 1939

190

175

Ainda na fazenda  
Inury. De manhã fomos  
de avião ao Rio Trilhema  
Tendo sobrevoado toda a região  
até as margens do Rio Para-  
ná. Descemos pela primeira  
vez no nosso campo da  
fazenda "Santa Barbara".

Voamos cerca de 3 horas  
sobre uma vasta floresta  
e rios majestosos como o  
Vaccaria, Balhante, Dourado, Trilhema  
etc.

Segunda, Julho 10, 1939

191

174

Regressamos da fazenda  
passando pela foz do Trilhema  
no Paraná e subimos por este  
até a fazenda Guanabara onde  
descemos. Salimos da Gua-  
nabara as 13 horas e as  
15<sup>15</sup> estavam descendo no  
Campo de Marte depois de  
uma ótima viagem. In-  
teressamos um verdadeiro "In-  
ferno Verde" no dizer do seu  
seu conde de Pinho.

Terça, Julho 11, 1939

192

173

Fiquei em S. Paulo pa-  
 ra ir ao almoço que o  
 Diário Associado ofereceu  
 ao Berent Fuchi. Depois  
 do almoço que foi até as  
 16 horas estive no scripto-  
 rio tendo combinado com  
 o Sr. Mario Sterchelli para  
 ir trabalhar em S. Paulo,  
 superintendendo as novas  
 obras. À noite fui ao ci-  
 nema com zizi Antonina  
 Wanda e Lucia.

Quarta, Julho 12, 1939

193

172

Fui a Santos de automô-  
 vel no "Mercedes". Almocei  
 na Bolsa. Em Santos tratei  
 de diversos negócios. Regressei  
 as 16 horas de Santos chegando  
 em S. Paulo as 17½.



Sabbado, Julho 15, 1939

196

169

Fui ao Rio assistir a abertura da 8<sup>a</sup> Exposição de animas e productos derivados. Foram meus companheiros Mariano Rio, Celso Ferraz e Bernardo.

Permanecemos no Rio no Hotel Pontres visto não termos encontrado acomodações em outro. Tudo cheio.

Domingo, Julho 16, 1939

197

168

Regressamos do Rio, salimos as 11<sup>1/2</sup> e chegamos em São Paulo as 13 horas. No Rio dei um passeio com os combas de Celso Ferraz, durante 40 minutos. Em minha companhia visitaram os mesmos companheiros e mais o Mister Baker, Director do frigorifico Amour. As 16 horas fui novamente ao campo, vouando com o Dr. Favorito (baptista) e família e outras pessoas, durante uma hora.

Segunda, Julho 17, 1939

198

167

Fiquei em S. Paulo onde tratei de diversos assuntos, tendo ido também ao Instituto Biológico conversar com os veterinários sobre a moléstia do gado na Guanabara.

Entabulei também um negócio de venda do avião "Pelican" para uns homens de Assis.

Celavio foi a São Pedro no "Simoon" com ~~celavio~~<sup>ou</sup> diversos companheiros tratar da andamento das construções.

Terça, Julho 18, 1939

199

166

Fui a S. Pedro pilotando o "Santa Maria" levando tres passageiros que foram a serviço da construção das Termas. Ficamos em S. Pedro até as 15 1/2 horas e regressamos a S. Paulo vindo também Celavio num total de 5 pessoas. Apta via gem. Aqui em S. Paulo recabi escriptura das terras que compramos do Dr. Elycio de Castro num total de 2.000 alqueires.

Florinda e Lucy vieram de São Carlos, anexo o Casamento do Sr. a realisar-se amanhã.

A noite tivemos a visita de Dr. Pyle, Sr. Pires e Saut-Clair



Sabbado, Agosto 12, 1939

224

141

Fiquei em S. Paulo. De manhã fui ao Campo de Marte onde fiz um voo no "Pelicans". As 10 horas fui dar um depoimento na acção que Theodor Wille move á José Pardo e Fabriciano Juncal sobre terras em fazenda Barão do Viete. Estive no ministério e depois do almoço tornei a ir ao Campo. À noite estive em casa de Mamã.

Cetavio foi a S. Pedro no Caudron, com Bernardo.

Sábado com avós de Pauvain  
Domingo, Agosto 13, 1939

225

140

Fui no "Pelikan" para S. Pedro. Almocei lá em casa do Sr. Carlos de Mauro e regressi com Cetavio, Bernardo e Sr. Mario Storchelli fomos boa viagem. Em S. Pedro dei um voo com meu tio José Luciano de Andrade (baptismo do ar) e seu filho Zéneu. Hoje houve um grande desastre com um avião Baby Clipper da Pauvain no Rio. Moreram 14 pessoas...



Sexta, Setembro 1, 1939

244

Guerra!

121

Neste mez pagam-se:  
Na Delegacia do Imposto de Renda, o imposto sobre rendimentos.

Hoje a Alemanha invadiu a Polonia que resistiu e comecaram-se os combates.

Eu fui com o Bernardino Rio no "Stinson 105" para fazer uma demonstração ao Aero Club do Brasil. O tempo esteve muito ruim e tivemos que descer em Taubaté onde almoçamos e fizemos alguns vãos de passeio. Chegamos ao Rio as 16 horas.

Sabbado, Setembro 2, 1939

245

120

ficamos no Rio, chorreu durante o dia. Fizemos as demonstrações que estiveram sem grande interesse porque ha desânimo e grande paralyzação de todas as actividades, em virtude do estado de guerra na Europa entre a Alemanha e a Polonia, esperando-se, a qualquer momento, uma completa guerra geral com a entrada de outras grandes potencias nesse conflicto sangrento! Assim mesmo fizemos demonstrações que egualmente a todos interessados. Zizi chegou hoje em Pernambuco (Recife).

Domingo, Outubro 29, 1939

302

63

Fui com Antonio de Barros a fazenda Cataguá onde cheguei com jaboticabas e almoscamos. Depois do almoço fomos a E. Pinhal e em seguida a A. Pedro. Antonio de Barros veio a A. Paulo com o Pedro e eu fiquei. À tarde fui com Octavio ao Varjão onde discutimos no "Santa Maria" e regressei a A. Pedro passando a noite.

Meia-seca  
Segunda, Outubro 30, 1939

303

62+

Regressi de São Pedro no "Santa Maria" com Octavio tendo chegado aqui às 11 1/2 horas. Depois do almoço fui ao escritório onde trabalhei o dia todo. À noite estive aqui em casa o Dr. Mauricio Rocha e Silva médico do Instituto Biológico que veio conversar sobre a doença no gado que todos os anos manifesta-se na fazenda Guanabara.

Terça, Outubro 31, 1939

304

Muita seca

Fui a fazenda no tam-  
 bor 8 horas. Em tam-  
 bor tratei de diversos as-  
 sumptos, tendo ido à  
 alfândega de desembarcar  
 o avião "Stinson" do José  
 Ferraz. Regressei depois  
 do almoço de automo-  
 vel e fui ao campo de  
 Marte onde voei no  
 Stinson 105 e no Pilium.  
 Fiquei no campo até as  
 19 horas.

Quarta, Novembro 1, 1939

305

Seca

60

Neste mez paga-se:  
 Na Recebedoria de Rendas do Estado: o imposto de Industrias  
 e Profissões.

Salvimos no "fazenda Maria"  
 e "105" com Sr. Favorino, D. Soe-  
 lina, Fátima, Moacyr, Hilda, Eir-  
 eda e Valério com destino a Fazenda  
 da Cotaguá onde chegamos as  
 10 horas. Depois do almoço dei  
 algumas voltas na fazenda  
 e em seguida fiz tres voos  
 no "105" com Martha e D.  
 Lyralda, Sr. João Leites e  
 Cleodora, Celso Paula e Sr.  
 Antenor Fernandes (baptismo).  
 Arrumamos via fazenda (Marta)  
 substituímos e grande seca!



Segunda, Novembro 6, 1939

310

choveu pouco

55

Ficamos na fazenda Guaranabara, tendo saído a cavalo e corrido parte da fazenda. Dr. Mauricio fez as experiências tendo conseguido individualizar uma planta muito tóxica, (Alicium).

A tarde fomos a saber a cavalo com Deodato.

Terça, Novembro 7, 1939

311

choveu pouco

54

Fiquei ainda na fazenda tendo ido de manhã, em Japurá com Deodato e outras pessoas chegando. No meio do caminho sobre Andradina, Parauapebas, Faz. Guaranabara, etc. Depois do almoço fomos de automóvel a Andradina, onde fiquei até a noite atendendo o expediente dos meus negócios naquela cidade.

Terça, Novembro 14, 1939

318

47

Segui em São Paulo, de manhã fui a "Unimov" em Anantais, depois à Indústria Mineral na Agua Branca e no Palácio do Campo Eliseo. Depois do almoço estive no escritório onde tratei de diversos assuntos e dei expediente até as 19 horas.

Manhã seguinte, se o tempo permitir, para Guanabara com Zizi, Dr. Brasil, José Ferraz e Dr. Figliolini.

Quarta, Novembro 15, 1939

319

46

Segui no "Santa Maria" com Zizi e Aurelio Tavares Machado para a Guanabara. Partimos às 9½ e chegamos na fazenda ao meio dia. José Ferraz, Dr. Felipe Figliolini e Cláudio Ferraz, seguiram no avião "União" e chegaram na fazenda às 16 horas. Foram destinados à pesca em Itapira.



Quinta, Novembro 16, 1939

320

Quinta

45

ficamos na fazenda Guanabara, tendo chovido o dia inteiro, por isso não pudemos sair. Apenas pudemos dar uma pequena volta à cavalo na fazenda.

Sexta, Novembro 17, 1939

321

44

De manhã fomos com dois aviões a a Itaipava onde ficamos todo o dia pescando. Eu consegui pegar 6 peixes, sendo 3 piracajuabas e 3 dorados. Ainda choveu durante o dia, porém deu tempo de pescarmos o dia todo e a noite regressamos a fazenda. Octavio chegou no "fim" na fazenda vindo de S. Pedro.

Sabbado, Novembro 18, 1939

322

43

fiquei na fazenda e os companheiros foram com Bernardo no J. Maria, a Itapua pescar, chovia muito durante todo o dia.

Eles não foram muito felizes na pescaria.

Nos na fazenda os conseguimos dar um pequeno passeio de bonico de chuva de automóvel. Eu, Zizi, Octavio e Rodolfo.

Domingo, Novembro 19, 1939

323

42

fui com os companheiros fazer uma pescaria a Itapua. O dia amanheceu muito bonito, fomos, durante todo elle fez um calor muito intenso. Não fomos muito felizes na pescaria, porque conseguimos pegar (5 companheiros) apenas cinco peixes. Regressamos à tarde para a Guanabara.

Quinta, Novembro 30, 1939

334

Aniversario Beatriz 31

Regresei da fazenda de  
pois do almoço. De manhã  
fui com Dr. Mary P. Costa  
e mais dois enviados da  
Industria Animal estudar  
uma gleba de terra para  
instalar a Fazenda Mode-  
lo que o Estado pretende  
fazer em Andradinha. Saímos  
do Matto as 12 horas e logo  
após o almoço vim para  
Paulo onde cheguei as 16 horas.  
Fui a Delegacia Estrangeiros, ao Palácio  
C. Elyseu e a noite em casa do Sr.

Sexta, Dezembro 1, 1939

335

30

Neste mez não se paga imposto.

Fiquei em São Paulo, de  
manhã estive no Campo de  
Marte vendo a montagem de  
5 Stinson 105, que impor-  
tamos. Depois do almoço  
fui ao escriptorio onde tra-  
tei de diversos negocios  
e fundei no Palácio do  
Campo Elyseu. Tratei a ven-  
da de um Stinson "105" para  
o Sr. Junqueira e outro para o  
Sr. Martins Costa. A tarde fiz  
um voo de panis no "União"  
acompanhado ao Sr. Celso e Frei Serra



### AUTORIZAÇÃO

Eu, ANTONIO CARLOS C. MOURA ANDRADE, bisneto de ANTONIO JOAQUIM DE MOURA ANDRADE, autorizo, Geane Lopes Francisco Araújo, portadora do CPF nº. 818.584.501-87, a divulgar em suas pesquisas científicas os dados contidos na Agenda de Moura Andrade S/A Pastoral e Agrícola do ano 1.939.



*Antonio Carlos C. Moura Andrade*

Nova Andradina, 30 de Junho de 2.014.

Reconheço por semelhança a firma de  
ANTONIO CARLOS COITIM DE MOURA ANDRADE  
\*\*\*\*\*  
Selo Digital No: A1192151481  
Emis: 00+FUNJEC:0,60+PLAD:0,36+FUNRE:0,24-R\$7,20  
NOVA ANDRADINA-MS, 30/06/2014

Em testemunho da verdade

2º SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL  
DE NOVA ANDRADINA  
EST. DE MATO GROSSO DO SUL

*Geane Lopes Araújo*  
Rosana Souza Santos  
Escrivente Autorizada